



PRIMEIRA FASE

30 de Novembro de 1997

REDAÇÃO E QUESTÕES

Instruções para a realização da prova

1

Nesta prova, você deverá fazer uma redação e responder a doze questões sobre o conteúdo programático das disciplinas do núcleo comum do 2º grau.

2

A redação vale 30 pontos e cada uma das questões, 2,5. Logo, a prova completa vale 60 pontos.

3

Você receberá dois cadernos de respostas. No caderno bege você deverá fazer sua redação. As questões deverão ser respondidas no caderno lilás, nos espaços com os números correspondentes.

(Atenção: não se esqueça de entregar os dois cadernos de respostas!)

4

A prova deve ser feita com caneta azul ou preta.

5

A duração total da prova é de quatro horas. Ao terminar, você poderá levar este caderno de questões.

Como é possível - as pessoas se perguntam - avaliar uma prova de redação que procura medir a capacidade de “organizar idéias, estabelecer relações, interpretar dados e fatos e elaborar hipóteses explicativas?”. Mais do que isso, como seria possível decidir se uma pessoa consegue “pensar por escrito sobre um determinado assunto”? Que meios tem uma universidade de, a partir de um texto escrito, avaliar a capacidade de uma pessoa e qualificá-la ou não a um curso superior?

Para responder a essas questões, vamos analisar em conjunto com você a prova de Redação do Vestibular Unicamp 98.

Como já é característico dessa prova de redação, houve a possibilidade, para o candidato, de fazer a escolha entre três tipos de texto: o texto dissertativo deveria ser uma discussão - a partir da leitura de nove pequenos textos de natureza variada - da questão “Supervalorizar a imagem é desvalorizar o homem?”; o texto narrativo deveria ser uma história em que o narrador expusesse acontecimentos que trariam nova luz e novo significado a um determinado texto; e finalmente, o texto persuasivo deveria se opor a um artigo de jornal procurando “desmontá-lo” nos seus fundamentos.

A PROVA

ORIENTAÇÃO GERAL

Há três temas sugeridos para redação. Você deve escolher um deles e desenvolvê-lo conforme o tipo de texto indicado, segundo as instruções que se encontram na orientação dada para cada tema. Assinale no alto da página de resposta o tema escolhido.

Coletânea de textos:

- Os textos foram tirados de fontes diversas e apresentam fatos, dados, opiniões e argumentos relacionados com o tema. Eles não representam a opinião da banca examinadora: são textos como aqueles a que você está exposto na sua vida diária de leitor de jornais, revistas ou livros, e que você deve saber ler e comentar. Consulte a coletânea e utilize-a segundo as instruções específicas dadas para o tema. Não a copie.
- Ao elaborar sua redação, você poderá utilizar-se também de outras informações que julgar relevantes para o desenvolvimento do tema escolhido.

ATENÇÃO: SE VOCÊ NÃO SEGUIR AS INSTRUÇÕES RELATIVAS AO TEMA QUE ESCOLHEU, SUA REDAÇÃO SERÁ ANULADA.

AS TRÊS PROPOSTAS

É ela, a dissertação

TEMA A

No mundo contemporâneo, imagens são criadas e divulgadas pela mídia graças à tecnologia; tudo vem sendo reduzido à imagem, ao espetáculo, num processo que afeta fortemente nossa vida e culmina na produção de realidades virtuais. Levando em conta os trechos abaixo, escreva um texto dissertativo no qual você discutirá a seguinte questão:

Supervalorizar a imagem é desvalorizar o homem?

1 - Faz poucos anos, num debate sobre o poder da televisão, numa biblioteca pública da periferia paulistana, um homem da platéia pediu a palavra para dar o seu depoimento. Contou que sua filha, de 5 anos de idade, depois de ser repreendida pela mãe, reagiu gritando: “Não sou mais sua filha. Agora eu sou filha da Xuxa”. A mãe de verdade, “demitida” assim de repente, ficou sem reação.(...) O cotidiano infantil de nossos dias já não é demarcado apenas por coisas corpóreas, como o estilingue, a bola de futebol, a mãe ou o pai. Em grandes extensões, ele é dado por objetos imaginários, como os cavaleiros do zodíaco, os filmes policiais e até mesmo a Xuxa, que, na imaginação daquela telespectadora tão pequena, tinha assumido o lugar da mãe. *Eugenio Bucci, Veja, 21/5/97*

2 - Você sabe o que é um Tamagotchi? É um brinquedinho eletrônico que cabe na mão (e na cabeça) de qualquer criança. É como se o bichinho eletrônico fosse de verdade. Você tem que tomar conta dele, mexendo nos comandos eletrônicos. Dar comida, colocar para dormir, ver se está com febre, dar remédios, fazer carinho. Coisa de japonês, com certeza. *Mario Prata, ISTOÉ, 3/9/97*

3 - Quando se fala de realidades virtuais, coloca-se em geral a ênfase sobre o caráter fantasmático e imaterial de tais dimensões da experiência: este pressuposto é partilhado tanto pelos apologistas da nova tecnologia virtual, que a celebram como um modo de dissolver, de enfraquecer ou de espiritualizar a realidade, quanto pelos críticos, que a interpretam como mais um engano, como evasão, que nos exime das responsabilidades e dos perigos do presente, projetando-nos em um mundo evanescente e desencarnado. Tanto uns quanto os outros dão como certo que as realidades virtuais não são realidades verdadeiras, mas sim sistemas de representação da realidade cujo lugar pretendem assumir. Esta aspiração é vista pelos apologistas como uma espécie de liberação das angústias e dos limites da realidade; pelos críticos como uma espécie de fuga culpada. Mas a realidade não é algo óbvio e imóvel! Hoje a virtualidade não aumenta a dimensão da precariedade do real, mas sim a reduz; ela faz com que o homem da época da representação passe para a da disponibilidade: as coisas virtuais estão constantemente a nossa disposição. Tudo é oferecido e esta oferta de tudo é que constitui a virtualidade. *Mario Perriola, O sex appeal do inorgânico*, Einaudi, 1994, p.38

4 - Esta é, basicamente, uma história sobre a sociedade moderna e global. É a mídia moderna. A televisão, a imprensa, as fotos e todo o resto. Todos deram uma ultra-importância para o tipo de coisa que sempre atraiu o interesse de muita gente: fofocas. O tratamento dado a Diana é uma espécie de ápice da multiglobal sociedade da mídia. Basicamente, o que temos aqui é a ultramagnificação de uma espécie de telenovela. Uma telenovela que termina em tragédia. Uma mulher jovem, rica e bonita morta junto com seu namorado repentinamente. Esta sociedade da mídia global tornou possível a esta princesa exercitar muito bem sua simpatia à caridade e a projetos como o de combate às minas terrestres. Ela e seus projetos foram eficazes porque foram imediatamente globalizados pela mídia. *Eric Hobsbawm, Folha de São Paulo*, 3/9/97

5 - O americano Lloyd Dubroff teve apenas alguns segundos para se arrepender da maior besteira de sua existência - uma besteira que matou sua filhinha de 7 anos, Jessica, e custou-lhe a própria vida.(...) Há cinco meses colocou a garotinha num curso de pilotagem e a desafiou a se tornar a pessoa mais jovem a atravessar os Estados Unidos de costa a costa no comando de um avião (os americanos adoram esse tipo de proeza). (...) A travessia, a bordo de um Cessna monomotor de quatro lugares, começou na quarta-feira passada, na Califórnia. O primeiro dia foi bem. Na manhã seguinte, dia 11, aconteceu a tragédia: o avião espatifou-se num bairro residencial (...). Jessica, o pai e o instrutor de voo Joe Reid morreram na hora. *Veja*, 17/4/96



Folha de S.Paulo, 15/9/1997

7 - Como toda febre muda o comportamento das pessoas, a "tamagoshimania" criou polêmica.(...) Mas ainda é cedo para afirmar se eles são bons ou ruins para a gente. "Só após três ou quatro anos de convívio comum é que dá para fazer uma avaliação do efeito", diz o psiquiatra Haim Grünspun, que por muito tempo acompanhou a mania de Barbie. "Assim como a boneca, o bichinho virtual poderá, com o tempo, desenvolver a afetividade e a responsabilidade das pessoas", explica o médico. *Estadinho, O Estado de São Paulo*, 30/8/97

8 - O publicitário Duda Mendonça, responsável pela recuperação da imagem do atual prefeito e por gerar uma imagem para seu candidato, considera que a principal distinção entre um candidato e um hambúrguer é que o segundo não fala, não tem passado. *José Augusto Guilhon de Albuquerque*, "A pata e a galinha" , **Folha de S.Paulo**, 29/9/96

9 - A realidade virtual: sistema que permite ao usuário "entrar e interagir" com uma imagem. As primeiras áreas a se beneficiarem da realidade virtual deverão ser o setor de entretenimento, a educação e a simulação de desenvolvimento de projetos. O projeto do Boeing 777 foi inteiramente montado dentro desse conceito e chegou ao final sem nenhum erro de concepção. *Luiz Nassif*, "Tecnologia e educação no futuro", **Folha de S.Paulo**, 8/9/1997



PALAVRAS GERAIS SOBRE O TEMA

No Tema A 98, esperava-se que o candidato necessariamente discutisse a relação entre a supervalorização da imagem e a desvalorização do homem e não apenas os dois fatores isoladamente. Na formulação do tema e no enunciado que o apresenta, vêm apontadas várias facetas possíveis dessa relação:

- a) o desenvolvimento atual da técnica concorre para a criação de imagens que tendem a afastar-se da realidade, culminando na produção de realidades virtuais;
- b) a mídia, extremamente poderosa nos tempos atuais, altera nossa vida à medida que reduz os objetos e as pessoas a imagens, estimulando-nos a pautar por elas nossos comportamentos.

Pelos textos apresentados na coletânea, era possível desenvolver a dissertação em várias direções:

- a) a mídia, utilizando-se de pesquisas, escolhe os objetos que poderão polarizar a adesão de amplos segmentos do público e dispõe de uma tecnologia altamente eficaz para magnificá-los;
- b) esses objetos imaginários foram incorporados à vida cotidiana com um tal grau de concretude que se propõem como alternativas viáveis à realidade imperfeita, ultrapassando suas limitações;
- c) a substituição do real pela imagem fabricada traz sempre implícita uma tecnologia e um forte apelo afetivo.

Possíveis desenvolvimentos em que a imagem é representada positivamente:

- a) as imagens estão presentes em nossas vidas e não podem ser dispensadas; é preciso encontrar um novo modo de conviver com elas;
- b) um mínimo de idealização, de ficção, sempre foi necessário para compensar o terra-a-terra;
- c) toda inovação tecnológica traz um sentimento de perda de valores que os contemporâneos da inovação consideram humanos mas que são, na verdade, apenas históricos;
- d) toda autêntica criação científica depende de um afastamento da realidade.

Possíveis desenvolvimentos em que a imagem é representada negativamente:

- a) o desenvolvimento da tecnologia, a divulgação das imagens pela mídia, a produção da realidade virtual não são processos neutros; atendem aos interesses dos grandes centros do poder;
- b) esse processo de produção de virtualidades representa a culminação de uma série de perdas de contacto com a experiência, que pode resultar na incapacidade de relacionamento com os semelhantes.

* * *

Como vimos, a proposta dissertativa do Vestibular Unicamp 98 apresentava o seguinte tema: "Supervalorizar a imagem é desvalorizar o homem?". Essa pergunta convida a uma reflexão, convida a *pensar por escrito*, a desenvolver uma série de idéias que vão acabar por responder a essa indagação. Mas, como sempre acontece na prova de Redação do Vestibular Unicamp, não basta você desenvolver o tema; a prova fornece um ponto de partida, algumas informações que você pode e deve utilizar no seu texto - estamos falando da *coletânea*. É ela que tem a função de delimitar o tema, de dirigi-lo, de especificá-lo. No caso do tema A/98, por exemplo, imagine que esse tema fosse só tema, ou seja, imagine que não existisse o conjunto de fragmentos de textos que formam aquilo que chamamos de coletânea. Agora que em nossa mente esquecemos da coletânea e temos apenas o tema como gerador de nossa

reflexão, poderíamos pensar em desenvolver uma dissertação sobre as pessoas que valorizam a imagem física - um corpo bem “malhado” - e que acabam por desvalorizar o ser humano. Agora, vamos lembrar-nos novamente da coletânea e verificar como fica diante dela esse tema que acabamos de imaginar. Há algum fragmento da coletânea que trata da imagem física, daquela que é construída a duras penas nas academias? Não. Como fica, então, aquele nosso tema? Fica inadequado na medida em que, por ignorar os fragmentos da coletânea, afasta-se daquele que seria o assunto a ser debatido. Vejamos o seguinte texto (todas as redações aqui utilizadas foram transcritas da exata forma como foram escritas pelos candidatos):



Exemplo de Redação

O AVANÇO DA TECNOLOGIA

Dados revelam que a tecnologia vem avançando rapidamente, isso beneficia muitas áreas de trabalho e facilita novas descobertas. Torna-se cada vez mais numerosa a procura de profissões voltadas para essa área, a maioria jovens técnicos formados.

O computador está se tornando um aliado no cotidiano das pessoas, a cada dia, aumenta o número de empresas que estão se informatizando, e algumas voltadas exclusivamente ao setor de informática. O mercado de trabalho é amplo, e torna-se cada vez mais concorrido.

Na era da informática, também é grande o desemprego, no campo ou na cidade, o trabalho feito por dezenas de pessoas pode ser feito por uma máquina, que por sua vez trabalha sozinha ou é operada por uma pessoa apenas.



Comentários

Parece ser mais fácil acreditar que esse texto foi feito para um dos temas do Vestibular Unicamp 96 (“Mudanças provocadas pela informatização: o mundo será melhor com elas?”) do que para o Vestibular de 98. Havia, é claro, neste último tema o envolvimento do aspecto tecnológico - ainda mais quando se fala em realidade virtual - mas não era essa a questão central, ou seja, o foco da análise não deveria ser a tecnologia pura e simplesmente, mas um aspecto dela: a sua capacidade de criar imagens, de criar um outro mundo que às vezes acaba por substituir aquele que chamamos de real. O candidato distanciou-se, portanto, da questão que deveria ser debatida. Perceba que o tema dessa redação é a informática e sua influência no mercado de trabalho. A distância com relação ao tema A de 98 é tal que podemos até nos perguntar se o candidato realmente leu a prova.

Uma característica fundamental da prova de redação é que, além de avaliar a sua capacidade de desenvolver por escrito uma reflexão sobre um assunto específico ou uma narrativa (como no caso do Tema B), ela avalia também a sua capacidade de leitura. É preciso que você leia com cuidado a prova; um bom texto tem início com uma boa leitura da apresentação do tema e dos fragmentos da coletânea. Você pode estar se perguntando: “Mas eu preciso usar todos os fragmentos da coletânea?” É claro que não. A coletânea, além de especificar o tema, tem a função de fazer com que você não tenha que partir do zero absoluto para desenvolver o seu texto. É preciso, primeiro, que você se posicione frente ao tema, que você forme a sua opinião sobre ele. Nesse momento, você já terá feito uma leitura cuidadosa da coletânea e poderá dela selecionar os argumentos que sustentem a sua opinião, ou seja, que o ajudem a argumentar na direção que você deseja. Você deve usar os argumentos presentes na coletânea (selecionando-os, como dissemos), mas não precisa se restringir a eles; você pode trazer outros argumentos que julgar adequados para a defesa de seu ponto de vista.



Exemplo de Redação

FALSAS REALIDADES

A crescente circulação de jogos virtuais unida à larga utilização de imagens virtualizadas na mídia representam formas de manipular toda uma população, ocupando-a com fantasias e alienando-a da realidade. Dessa forma o ser humano é privado de refletir sobre a situação social e política em que vive. No passado, o manuseio do sistema de comunicação pelos governos militares designou, assim como a distribuição presente dos jogos eletrônicos, formas de manipulação da massa popular.

Persuadir a população brasileira não foi tarefa árdua para os governos militares. Outrora manipulado por Getúlio Vargas em épocas anteriores com o “DIP” (Departamento de Imprensa e Propaganda), imagens da nação enaltecidas na mídia mantiveram o povo distante do Estado. As então conquistas esportivas - como o campeonato mundial de futebol e as vitórias de Éder Jofre no pugilismo mundial - evitaram rebelações contra aquela ditadura e comprovaram o poder capacitado à imagem de denegrir e manipular o ser humano.

Outrossim, a circulação de jogos virtuais representam uma forma atual de desvalorização do indivíduo. Esses "chips" eletrônicos transcendentalizam as crianças para um mundo fantasioso, apresentando uma fuga à vida real. Ao invés de desenvolver boas virtudes como o raciocínio e o senso crítico, os jogos eletrônicos inibem a criatividade dos usuários, interferindo na vida desta pessoa negativamente, pois passa-se a viver em função desse mundo eletrônico.

Seja pela mídia, seja pela imposição de realidades virtuais, a excessiva exaltação de imagens representa uma forma de alienar o ser humano, que passa a viver em meio a fantasias e irrealidades. Anuir o uso desse recurso é aceitar imposições e manipulações, pois as imagens impõem-se como ricas e cheias de belezas, mas na verdade implicam privações ao senso de crítica da sociedade que assim empobrecida torna-se facilmente dirigida pelos poderosos.



Comentários

No caso deste texto, a utilização da coletânea é evidente, bem como a discussão do tema proposto pela prova, ou seja, o candidato trabalha com um conceito adequado de imagem, mostrando que soube ler a coletânea. O ponto de vista do candidato é bastante claro: as imagens ocupam a mente das pessoas com fantasias, fazendo com que se afastem da realidade e que sejam manipuladas pelos poderosos. O fragmento utilizado é o terceiro; não em sua totalidade, mas na parte em que se fala dos "críticos", os quais interpretam a imagem "como mais um engano, como evasão, que nos exime das responsabilidades e dos perigos do presente, projetando-nos em um mundo evanescente e desencarnado". A essa idéia de fuga da realidade, o candidato acrescenta a de manipulação, a qual não se encontrava presente no terceiro fragmento; em "Falsas Realidades" a perda do sentido de realidade está aliada aos desejos de dominação de uma parcela da sociedade, a qual é identificada num primeiro momento com os militares e em outro com o que o candidato chama de "poderosos". Essa questão da "manipulação", da "dominação" é o ponto central da argumentação e vem anunciada desde o primeiro período do texto: "A crescente circulação de jogos virtuais unida à larga utilização de imagens virtualizadas na mídia representam formas de manipular toda uma população, ocupando-a com fantasias e alienando-a da realidade." Um pouco adiante, temos uma comparação entre as formas atuais de manipulação e as que existiram na época dos militares: esses últimos manipulavam a "massa popular" através do "manuseio do sistema de comunicação"; hoje, essa "massa" é manipulada através de jogos eletrônicos. Essa afirmação de que a "massa popular" é manipulada através de jogos eletrônicos corresponde ao nosso conhecimento de mundo? O povo está sendo dominado por jogos do tipo "Street Fighter"? Podemos dizer que uma certa camada da população é, de fato, viciada nesses jogos; mas não podemos afirmar o mesmo com relação à "massa popular", sem estarmos incorrendo numa mentira. O próprio texto parece atestar a impropriedade dessa afirmação, pois no terceiro parágrafo, quando vai ser analisada a influência de tais jogos virtuais, não se fala mais de população, mas de *crianças*; ou seja, restringe-se o termo "massa popular" à parte da população sobre a qual os jogos exercem sua influência negativa. Se o candidato, de certa maneira, "conserta" a inadequação que havia cometido, podemos afirmar que houve apenas um problema localizado, no final do primeiro parágrafo, quando a influência dos jogos foi relacionada à "massa popular"? Para respondermos essa pergunta, vamos tentar recuperar a linha argumentativa.

No primeiro parágrafo, é afirmado que hoje tanto a mídia quanto os jogos virtuais manipulam a população; no final desse mesmo parágrafo, é estabelecida uma comparação entre a manipulação que é feita hoje através dos jogos eletrônicos e a que era feita, em tempos passados, pelos militares, através do "sistema de comunicação". No segundo parágrafo, mostra-se como a mídia era utilizada pelo militares: enaltecia-se a nação, enfatizavam-se vitórias no esporte e - pronto! - o povo mantinha-se longe do Estado porque, afinal, não existiam problemas... Ao final desse parágrafo, afirma o candidato: "As então conquistas esportivas (...) evitaram rebelações contra aquela ditadura e comprovaram o poder capacitado à imagem de denegrir e manipular o ser humano. "Denegrir" por quê? Qual a relação mídia/homem denegrido? Essa pergunta o texto do candidato não nos permite responder; temos aí um problema de articulação dos argumentos que afeta o entendimento do texto - um problema de coerência textual.

No terceiro parágrafo, o uso do advérbio "outrossim" vem estabelecer uma igualdade entre o que foi dito no parágrafo anterior e o que se está por dizer: "(...) os jogos virtuais representam uma forma atual de desvalorização do indivíduo." O que já não havia ficado claro no parágrafo anterior - o fato de o poder da imagem *denegrir* o homem - impede que se estabeleça claramente uma relação entre o uso que se fazia da imagem no tempo das ditaduras

e o uso que é feito hoje; afinal, não podemos comparar dois fatos se não entendemos um deles. Como a comparação não pode ser feita, há uma perturbação na linha argumentativa, ou seja, na maneira como um argumento relaciona-se com o outro. Podemos dizer ainda que esse terceiro parágrafo é bastante importante por nele ser feita uma reflexão de como a *imagem* é usada nos dias de hoje; no entanto, fala-se somente da influência da imagem nas crianças - ou seja, a discussão que parecia apontar para uma amplitude no início do texto, foi reduzida a um de seus aspectos.

Chegamos finalmente ao último parágrafo; nesse instante, o candidato reafirma o que já havia dito antes: a mídia e as realidades virtuais alienam o ser humano, “que passa a viver em meio a fantasias e irrealidades”. Perceba como a argumentação acaba por avançar pouco e como o texto fica por vezes repetitivo; isso acontece porque os exemplos utilizados e que constituem parte fundamental da argumentação - pois através desses veríamos os perigos do uso da imagem - são abordados de maneira um pouco rápida.

Agora que terminamos de seguir a linha argumentativa, já podemos voltar à nossa questão: a afirmação de que a massa popular é manipulada por jogos eletrônicos constitui-se em uma inadequação localizada ou em algo que afeta a linha argumentativa? Vimos no começo da redação que foi estabelecida uma igualdade: ontem, o povo foi manipulado pelo sistema de comunicação; hoje, ele é manipulado pelos jogos eletrônicos. Já vimos também que essa relação povo/jogos eletrônicos é falsa; há ainda uma outra impropriedade: os jogos eletrônicos não têm hoje o mesmo alcance manipulador que a mídia teve ontem. Aliás, e o poder da mídia hoje? A mídia atual não tem, pelo menos, a mesma força de manipulação que a mídia do tempo dos militares? Por que então comparar a mídia de ontem com os jogos eletrônicos, cuja influência aplica-se mais a crianças e adolescentes? Há, portanto, na relação massa popular/jogos eletrônicos um problema que reflete uma falha na argumentação, já que não se pode falar no poder de manipulação da imagem restringindo-a aos jogos eletrônicos, como se eles fossem as únicas imagens a bombardear apenas um segmento vítima da sociedade (os adultos, por acaso, estão livres da manipulação?).



Exemplo de Redação

(Texto sem título)

No contexto do mundo atual, percebe-se que tudo é redutível a uma imagem. Esta, quando veiculada pela mídia, torna-se extremamente poderosa, influenciando na venda de um produto, uma idéia, um candidato ou uma ideologia.

Juntamente a essa expansão da imagem, ocorre uma mudança no comportamento e nas relações humanas. Uma criança, hoje em dia, pode suprir sua necessidade de dar carinho criando um bichinho virtual, que é portátil, não faz sujeira e faz pouco ou nenhum barulho. E se ele morrer, ela aperta “reset” e começa tudo de novo. Diferente de um cachorro, por exemplo. Num dia de tédio, uma pessoa pode ligar a TV e trazer o mundo para sua sala, ou ainda interagir com um outro semi-virtual (afinal, há fatores humanos, ainda que invisíveis) pela Internet.

Às vezes a crença no virtual é tanta que se perdem as noções de prioridades. Por exemplo, o dinheiro aplicado na implantação do projeto “TV Escola”, se aplicado na melhoria da qualidade dos professores, teria sido muito mais bem empregado. O que se constata é que, nos lugares onde as pessoas sabem pelo menos lidar com o equipamento, ou este é mal utilizado (alguns professores simplesmente pararam de dar aulas) ou não é utilizado de forma alguma. Raros são os casos de emprego correto.

A imagem e a mídia, hoje, intensificam o processo de fetichificação humana, ou seja, a coisificação dos homens e a humanização da coisa. Políticos e “Big Mac’s” são vendidos pelos mesmos meios.

A verdade é que a realidade virtual é amoral, ou seja, não é boa nem má. Ela apenas é. Como na vida real, encontramos nela aquilo que buscamos. Assim, se o que queremos é um mecanismo de fuga, a virtualidade tem pra oferecer. Se é uma fonte de consulta rápida e eficiente, também tem. Ela é o que queremos que seja. E com uma vantagem: sempre disponível.

Cabe a cada um ter o bom senso de distinguir o que é útil e bom do que é dispensável nesse novo conceito de realidade. Saber, por exemplo, que beleza não pode depender de quem é o ator da atual novela das 8. E cada um não se deixar desvalorizar por essa interface nova, útil, às vezes perigosa... mas que veio pra ficar.



Comentários

Com esse último texto queremos chamar atenção para a maneira como uma dissertação pode estruturar-se. No caso de “Falsas Realidades”, tínhamos uma estrutura bastante

convencional: no primeiro parágrafo, introdução do assunto e apresentação do *ponto de vista* a ser defendido; no segundo e terceiro parágrafos, desenvolvimento de argumentos que defendem o *ponto de vista*; no quarto parágrafo, conclusão, ou seja, reafirmação do *ponto de vista* inicial, amparada pela argumentação desenvolvida no segundo e terceiro parágrafos.

No caso do “Sem título” a estruturação do texto é um tanto quanto diferente daquela vista em “Falsas Realidades”. No primeiro parágrafo, o assunto é apresentado (a grande influência da imagem no mundo atual), sem que, contudo, seja assumido o *ponto de vista* do candidato. No segundo, terceiro e quarto parágrafos são mostradas as influências negativas da “imagem”; ao serem trazidos esses aspectos negativos da supervalorização da imagem, somos levados a crer que a opinião do candidato é justamente a de que essa supervalorização é ruim para o ser humano. Na realidade, no quinto parágrafo, quando começa a explicitar-se a opinião do candidato, vemos que a imagem, a realidade virtual, não é *di per se* boa ou ruim, isso depende do uso que o homem faz dela: “A verdade é que a realidade virtual é amoral, ou seja, não é boa nem má. Ela apenas é. Como na vida real, encontramos nela aquilo que buscamos”. Para que essa afirmação pudesse ser feita, era necessário que se mostrassem também situações em que a realidade virtual aparecesse como algo *bom*; assim, veríamos que a qualificação da virtualidade depende do seu uso, depende do ser humano. O candidato parece ter percebido a necessidade de mostrar algum aspecto positivo da imagem, para que sua afirmação quanto ao caráter *amoral* da virtualidade tivesse algum fundamento: “Assim, se o que queremos é um mecanismo de fuga, a virtualidade tem para oferecer. *Se é uma fonte de consulta rápida e eficiente, também tem.*” Vimos que no segundo, terceiro e quarto parágrafos são mostrados aspectos negativos da imagem; se o candidato pretendia argumentar no sentido de que a virtualidade é amoral, não seria estrategicamente melhor que ele tivesse se detido um pouco mais em mostrar aspectos positivos do uso da imagem? Afinal, através do segundo, terceiro e quarto parágrafos ele nos convenceu que a virtualidade é ruim; como poderemos acreditar que ela também pode ser boa, se o único aspecto positivo evocado (“consulta rápida e eficiente”) parece não ter fôlego para, sozinho, sustentar o caráter positivo da imagem? Podemos acreditar na “bondade” da imagem se tivermos boa vontade; houve, portanto, um enfraquecimento na argumentação.

A diferença básica quanto à estrutura desse último texto e a do “Falsas realidades” é quanto à maneira pela qual o *ponto de vista* é introduzido: no “Sem título”, há no princípio a descrição de situações em que a virtualidade é usada e, posteriormente, mostra-se o *ponto de vista* que é, no caso, apenas em certa medida, decorrente da argumentação previamente desenvolvida; em “Falsas realidades”, o *ponto de vista* é mostrado logo no início do texto para, depois de uma argumentação que teria justamente a função de provar a verdade desse *ponto de vista*, ser retomado na conclusão. São caminhos diferentes que podem ter a mesma eficiência contanto que a argumentação desenvolvida no decorrer do texto seja capaz de defender a posição assumida pelo candidato.

Ainda quanto ao “Sem título” podemos fazer uma última observação relativa ao uso da coletânea. Cinco fragmentos são utilizados: o quatro, o sete, o dois, o oito e, por fim, o três. De todos esses trechos, o candidato extraiu argumentos, mostrando ser um bom leitor. No primeiro parágrafo, percebemos a utilização do quarto e do oitavo fragmentos, quando é descrita a capacidade que a mídia tem de vender uma ideologia ou um candidato. A questão da venda de uma ideologia está presente no quarto argumento, ao ser afirmado que os projetos de caridade da Princesa Diana só tiveram sucesso porque foram “imediatamente globalizados pela mídia”; percebemos, assim, que o candidato sabe, a partir de um exemplo concreto e específico, abstrair uma idéia, sabe interpretar uma determinada situação e ver o seu sentido mais geral.

Os próximos trechos utilizados foram o segundo e o sétimo; o Tamagotchi é enfocado como um exemplo da mudança de comportamento gerada pela “expansão da imagem”.

No quarto parágrafo, é usado o fragmento oito; perceba que, novamente, o candidato interpreta o dado concreto apresentado pela coletânea. A utilização desse fragmento adequa-se à argumentação desenvolvida pelo candidato na medida em que a noção de que o homem vira “coisa” e de que a “coisa” vira homem subjaz às situações descritas no segundo e terceiro parágrafos.

No quinto parágrafo, momento em que - como dissemos anteriormente - o *ponto de vista* do candidato começa a explicitar-se, há uma utilização bastante pertinente do fragmento três. Vimos que a virtualidade, segundo o candidato, não é boa nem ruim, mas é aquilo “que queremos que seja”, o que a tornaria semelhante à realidade. A vantagem da virtualidade com

relação à realidade é que aquilo que é virtual está sempre disponível, noção retirada do fragmento três. Com essa identificação dos fragmentos utilizados no “Sem título” queríamos que você observasse como pode ser feito o que chamamos de *seleção* dos argumentos pertinentes para a defesa de um determinado *ponto de vista*; resta lembrar, mais uma vez, que uma boa seleção depende de uma boa leitura da coletânea.

Exemplo de Redação

“A Supervalorização do Sentimento”

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é, tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Imagem não é nada, sede é tudo.

Nem valorizar a imagem nem o homem o que importa é o sentimento.

Comentários

Existem muitas lendas que cercam as provas de redações; a da criatividade é certamente uma das que mais histórias rendem (tocaremos novamente nesse assunto com relação ao Tema B). Você já deve ter escutado alguém contando que um amigo-do-amigo-do-amigo-do-fulano escreveu um texto fantástico que obteve dez num exame vestibular de uma universidade que não se sabe mais qual é. A proposta era algo como: “Uma porta aberta”. O texto do candidato seria o seguinte: “Fechei a porta”. Você acredita também em Papai Noel?

No caso de “A supervalorização do sentimento”, temos um exemplo de um caso em que se queria atingir uma certa criatividade... Houve argumentação? Houve utilização da coletânea? Nem argumentação, nem coletânea; quase não há um texto. Se você leu atentamente tudo o que escrevemos até agora, você sabe que “A supervalorização do sentimento” é um total equívoco.

Olha o Tema B aí, gente!

TEMA B

Entre os papéis da minha família, foi encontrada esta carta, que traz no final o nome Anita de G., uma tia-avó, já falecida.

Laguna, 23 de fevereiro de 1948

Meu bom marido

Saudações.

Recebi a sua cartinha a qual me pareceu bastante lacônica, e na qual me diz que chegou sem novidade, que o Rio está uma formosura, etc. etc.

Avalio o quanto não se terá por aí divertido, esquecido de nós que continuamos aqui nesta triste solidão.

Rogo que termine o mais breve possível o que tem que fazer e volte. As saudades são muitas.


Não se esqueça de trazer alguma coisa bonita e de novidade, principalmente os últimos figurinos porque os que aqui há estão fora de moda.

Retribuindo-lhe o seu abraço e desejando-lhe saúde, sou sempre a sua boa e querida mulher

Anita de G.

Os jovens da família, ao ler a carta, entenderam-na literalmente. Já os mais velhos, contemporâneos de tia Anita e da carta, sabem que esta é cópia de um modelo disponível em um livro muito difundido na época: *O Secretário Moderno ou Guia indispensável para cada um se dirigir na vida sem auxílio de outrem*, de J. Queiroz (Ed. do Povo Ltda., Rio de Janeiro, 1948). Sabem também que a leitura da carta não pode ser literal, mas tem que ser feita à luz de uma série de acontecimentos.

Invente uma história narrando os acontecimentos que tornam inadequada a leitura literal da carta.



**PALAVRAS GERAIS
SOBRE O TEMA**

No Tema B do Vestibular Unicamp 98, esperava-se do candidato que ele produzisse uma narrativa em que a carta assinada por Anita de G. fizesse sentido, não porém o sentido que extrairia banalmente dela alguém que estivesse totalmente desinformado sobre a história das personagens que ela menciona, e sobre as circunstâncias em que foi escrita. O recurso de que o candidato dispunha para provocar uma leitura não literal consistia em criar, narrativamente, um contexto mais rico, que modificasse o entendimento dos dados fornecidos pela própria carta, forçando o leitor (da redação) a reinterpretar seu texto. A carta poderia então aparecer como

- irônica
- cifrada
- parte de um jogo de cena
- carregada de implícitos
- suficientemente inadequada para a situação em que foi escrita, para provocar conseqüências que seriam imprevisíveis se o contexto autorizasse sua interpretação literal.
- etcétera, principalmente etcétera.

Qualquer modificação ou acréscimo no contexto estabelecido pela própria carta, que forçasse uma reinterpretação, era em princípio aceitável: escolhendo apenas alguns dos inúmeros exemplos possíveis, considera-se que a carta pode vir a sofrer a reinterpretação desejada

- se Anita de G. está traindo o marido a quem escreve
- se Anita de G. está dando graças a Deus pela viagem do marido
- se Anita de G. é analfabeta, e quem copiou para ela a carta em questão copiou a carta errada
- se Anita contou a todos que a carta foi mandada, quando de fato não foi.
- se o marido de fato não viajou para o Rio mas foi internado em um manicômio vindo a falecer
- se Anita nunca se casou etc.

Antes de tudo: vestibular é concurso literário? É claro que não! Mas mesmo assim, muito pensam que só alguém com dons literários, com veias de poeta e com alma de artista pode se aventurar a fazer o tema narrativo... Queremos mostrar, para aqueles que se julgam "sem inspiração" e "pouco criativos", que para escrever um texto narrativo não é preciso ter tido um contato transcendental com a musa inspiradora da literatura: uma narrativa pode ter um processo de criação tão lógico e ordenado quanto o de um texto dissertativo; para isso, é necessário, primeiramente, que você tenha muito claro quais são os elementos que compõem as narrativas: narrador, personagens, espaço, tempo e enredo.

Quando você lê um Tema B do Vestibular Unicamp, você encontra algumas informações sobre os elementos narrativos. Vejamos o Tema B 98.

Na apresentação do tema, o possessivo "minha" poderia incitar um foco narrativo em primeira pessoa; como não havia nenhuma instrução que pedisse obrigatoriamente o uso desse foco, você poderia escolhê-lo ou não. Quanto às personagens, temos a tia-avó Anita de G., o seu marido, os jovens de sua família e os outros parentes que eram contemporâneos à carta e à tia Anita. Quanto ao espaço, "Laguna" e "Rio". Quanto ao enredo, as informações presentes na carta e aquelas referentes a uma circunstância bem particular que envolvia a leitura dessa carta - os jovens da família liam-na literalmente enquanto os mais velhos reconheciam nessa carta a cópia de um modelo proveniente de um livro muito conhecido em 1948 e, além disso, sabiam que a carta não poderia ser lida literalmente; ou seja, os mais

velhos sabiam que poderia haver uma outra história por trás das palavras de Anita. Quanto ao tempo, temos, primeiramente, 1948, época em que a carta fora escrita; temos também um outro tempo, mais recente, marcado pelo fato de Anita já estar morta e também pelo fato de os “jovens” não serem capazes de reconhecer o modelo de carta usado por Anita.

Já identificamos as informações fornecidas sobre os elementos, mas não terminamos ainda nosso exercício de leitura - é importante lembrarmos que esta prova avalia não só a sua escrita mas também a sua leitura: um bom texto começa com uma boa leitura da proposta. Continuemos, pois.

Você pode estar se perguntando: mas, afinal, sobre o que devo escrever? O que devo fazer com todas as informações que identificamos? “Invente uma história narrando os acontecimentos que tornam inadequada a leitura literal da carta.” Eis o tema, a sua tarefa. Para entendermos melhor o que é cumprir essa tarefa, passaremos agora a analisar alguns textos de candidatos; circunscreveremos nossa análise a questões relativas aos elementos da narrativa, ao tema proposto e ao uso da coletânea.



Exemplo de Redação

“Figurino Profano”

O odor de mofo tomou conta de meu nariz. A cada passo que dava, uma teia de aranha arrebatava. A pouca luminosidade não me permitia distinguir o rosto do senhor atrás do balcão.

Hotel Casanova: que ironia. O quarto fedia a urina.

Da janela, via a podridão do suburbio do Rio de Janeiro.

Uma forte saudade doía em meu peito. Queria voltar logo para Laguna... Ficar perto de Anita... minha doce e vulgar esposa.

Com as mãos tremulas e à luz de uma pequena vela escrevo. “Rio de Janeiro, 9 de Fevereiro de 1948.

Minha boa esposa.

Ainda não encontrei nada de novo para nos satisfazer. As moças do Rio continuam as mesmas.

Mas te garanto que vou chegar em Laguna com o figurino mais lindo e perfeito que encontrar.

Um abraço do seu esposo.

Barbosa.”

Acho que ela me entende.

12 de fevereiro. O sol queima minha cabeça. Quase não consigo ficar de chapéu.

Vou andando pela praia a procura do modelito Perfeito: mulatas, ruivas, louras, angelicais, demoníaca...

A escolha é difícil.

Preciso encontrar algo diferente, que fuja do padrão que Anita está acostumada.

Numa praça, sentada num banco, vejo a figura inigualável. Pele dourada, corpo perfeito e um maravilhoso cabelo vermelho. Meu deus! Perfeito.

Sentei ao seu lado. Conversamos um pouco, e na primeira oportunidade, injetei uma dose cavalgar de morfina. A moça caiu em meus braços.

Agora só acordaria em Laguna, amarrada em uma cama, nua, entre eu e Anita.

Um abraço imundo de prazer.



Comentários

O foco narrativo escolhido foi em primeira pessoa, Barbosa o marido de Anita; como dissemos anteriormente, o candidato poderia escolher seu narrador - vale frisar que essa é uma das escolhas mais importantes, porque é através do narrador que a história é contada e por isso mesmo o foco narrativo abre ou fecha possibilidades para o desenvolvimento do texto. No caso do narrador Barbosa, por exemplo, seria meio difícil termos acesso aos pensamentos de Anita, a não ser que Barbosa tivesse poderes paranormais e teríamos, então, uma outra história...

O enredo construído pelo candidato focaliza justamente a viagem ao Rio. Desde o início do texto já somos colocados em um clima que não é exatamente o de “formosura”: o Hotel Casanova é um lugar decadente num subúrbio “podre” carioca, cheirando a mofo e com teias de aranha se enroscando no narrador. Observe que o “espaço”, o “cenário” é construído na medida certa - sem estender-se demais para que a atmosfera desejada seja rápida e precisamente criada. Numa espécie de contraste a essa podridão circundante, surge a forte saudade por Anita, a “doce e vulgar” esposa de Barbosa. “Vulgar”? Que mulher é essa,

ao mesmo tempo “doce” e “vulgar”? Há algo em Anita que parece se encaixar no clima decadente do hotel e que desperta a curiosidade do leitor. Essa curiosidade aumenta ainda mais quando o candidato cria a carta que Anita teria recebido do marido; na carta, o uso de um verbo reforça a idéia de que “há algo de podre no reino da Dinamarca”: “Ainda não encontrei nada de novo para *nos satisfazer*”. Para se manter o jogo da curiosidade, não se deve mostrar tudo de uma vez, e o candidato sabe disso; a curiosidade mantém-se através de uma brincadeira de mostrar e esconder: “Mas te garanto que vou chegar a Laguna com o figurino mais lindo e perfeito que encontrar.” Figurino? Lembremos do título: “Figurino Profano”; as peças vão se encaixando aos poucos e estamos, como leitores, bastante desconfiados: “Acho que ela me entende.” E nós, entendemos?

O relato de Barbosa prossegue - “12 de fevereiro”, ele nos diz. Essa locução temporal causa-nos um pouco de estranheza: o texto parece ser um tipo de diário. No entanto, os verbos utilizados logo após estão no presente do indicativo, que não é muito usual em um diário em que são relatados unicamente acontecimentos. Já vimos que essa história se passa em 1948; qual a perspectiva temporal assumida pelo narrador? Ele narra usando os verbos no presente ou no passado?

No início do texto, os verbos estão no passado; toda a descrição do Casanova é feita utilizando-se o pretérito perfeito e o imperfeito do indicativo. Esse passado, no entanto, não se mantém: Barbosa *escreve* no presente do indicativo; a hipótese sobre o entendimento da esposa também é feita no presente. Assim, podemos pensar a perspectiva temporal da seguinte maneira: o narrador conta a sua história no presente - a ação de contar dá-se simultaneamente ao desenrolar dos fatos. Quando Barbosa escreve para sua esposa, lembra-se da sua chegada ao hotel, por isso, o uso dos verbos no passado no começo do texto. Depois de ter sido escrita a carta é ainda utilizado o presente, o que reforça a nossa hipótese sobre a perspectiva temporal assumida pelo narrador. No decorrer da leitura notamos, no entanto, que essa perspectiva temporal não se mantém; veremos mais adiante como acontece essa mudança de perspectiva e quais as suas conseqüências para a estrutura textual.

No dia 12 de fevereiro, Barbosa sai à busca do “modelito perfeito” pela praia: “mulatas, ruivas, louras, angelicais, demoníacas”. O narrador revela mais uma peça do seu segredo, mas a revelação ainda não está completa. Barbosa tem dificuldade para escolher o seu “modelito”, pois precisava encontrar algo que superasse os “figurinos” a que Anita estava acostumada. Novamente nos vem a pergunta: que mulher é essa? O mistério agora parece incidir mais sobre a personalidade de Anita, uma vez que já nos fora mostrado o verdadeiro sentido da palavra “figurino” - a partir da “resolução” de um mistério, insinua-se um outro e a curiosidade do leitor é mantida viva.

Finalmente, Barbosa encontra o que procurava, uma “figura inigualável”: “Pele dourada, corpo perfeito e um maravilhoso cabelo vermelho. Meu deus! Perfeito.”. A descrição da personagem aparece num momento em que é bastante necessária, já que Barbosa encontrou o “figurino” e é preciso, mesmo que rapidamente, mostrar ao leitor como é essa mulher. A cena que se segue é das mais rápidas; depois de sentar-se ao lado da vítima e de conversar um pouco com ela, Barbosa aplica-lhe uma “dose cavalariça de morfina”, o que faz com que a moça caia em seus braços. Só então o narrador deixa completamente às claras o mistério: “Agora só acordaria em Laguna, amarrada em uma cama, nua, entre eu e Anita: um abraço imundo de prazer.” Mistério solucionado, fim de texto, o relato silencia-se.

Já fizemos anteriormente algumas considerações iniciais sobre a perspectiva temporal assumida pelo narrador; vimos que o ato de narrar acontece simultaneamente ao desenrolar dos fatos, por isso a utilização dos verbos no presente do indicativo. No momento em que Barbosa passeia pela praia em busca de seu modelito, os verbos continuam no *presente*; quando, no entanto, Barbosa senta-se ao lado da mulher inigualável, ele senta-se no passado..., ou seja, os verbos agora estão no pretérito perfeito: *sentei, conversamos, injetei, caiu*. Essa mudança nos tempos verbais justifica-se?

Para iniciarmos essa nossa discussão, vamos analisar a utilização do advérbio “agora” no seguinte trecho: “Agora só acordaria em Laguna, amarrada em uma cama, nua, entre eu e Anita: um abraço imundo de prazer.” Esse advérbio pode ter como referência tanto um momento preciso do presente (este momento fugaz que tentamos apontar com o dedo e que logo foge para um lugar do passado) quanto um referente textual. Como exemplo desse último, vejamos o início do “Conto de Escola” de Machado de Assis. O narrador, o menino Pilar, pensa em fugir aquele dia da aula, mas a recordação da sova que levara do pai, na semana anterior, por ter “matado” aulas, faz com que o menino decida ir normalmente para a escola.

Já na aula, depois de um exercício de escrita, Pilar confessa-se arrependido de ter ido à escola: “Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. *Agora* que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas (...).”

A que momento refere-se a palavra “*agora*”? Lendo o conto, sabemos que o narrador relata-nos algo que lhe sucedera nos seus anos de infância; sabemos também que sua perspectiva temporal é o passado (os verbos estão conjugados em tempos pretéritos). Tendo isso em mente, não temos nenhuma dúvida de que *agora* não se refere ao presente do narrador, mas a um momento do passado. No caso, é o momento em que Pilar sentia fortemente a sensação de estar preso na sala de aula enquanto a vida acontecia fora dali; ou seja, o referente da palavra “*agora*” aponta para o interior da própria história e não para aquele que seria o momento presente.

Já podemos agora voltar para nosso “Figurino Profano”. A que momento se refere a palavra “*agora*”? Com o uso dela o narrador recupera aquela perspectiva temporal no presente? Não. Temos aqui um uso semelhante àquele visto no texto de Machado; a palavra “*agora*” refere-se a um momento anterior, no caso, ao momento em que a bela mulher está dopada pela morfina. Lembre-se que a descrição dessa cena foi feita no passado e que a busca de Barbosa fora descrita no presente. É possível essa troca de perspectiva? É possível que a narração de um acontecimento feita no presente mude bruscamente para o passado? No caso específico de “Figurino Profano” essa mudança na perspectiva não foi feita de forma verossímil, não conseguimos pensar em algo que justifique essa flutuação na linha temporal, não conseguimos, enfim, afirmar se o narrador conta uma história que aconteceu ou que acontece. Temos, portanto, um problema de coerência temporal; o candidato não soube trabalhar bem o elemento “tempo” em sua narrativa (podemos imaginar que isso aconteceu porque o candidato não domina bem o uso dos tempos verbais; mas como descobrir as causas dos problemas apontados no texto não é foco desta pequena análise, vamos apenas sugerir essa possível causa para que você se lembre que a falta de domínio sobre os mecanismos da língua pode gerar algum problema em seu texto).

Depois de observarmos como se comportam os elementos da narrativa, podemos perguntar: “Figurino Profano” cumpre a tarefa proposta pelo tema B/98? Ou seja, foi inventada uma história que torna inadequada a leitura literal da carta de Anita? Alguém, depois de ler o “Figurino Profano” continua a achar que Anita é simplesmente uma boa e querida esposa? Pelo que vimos, a narrativa criou de fato os acontecimentos que conferem um novo sentido à carta, o que torna completamente inadequada a sua leitura literal; ou seja, o candidato cumpriu a tarefa proposta pelo tema.

Você pode estar se perguntando: o fato de o candidato não ter usado em seu texto *O Secretário Moderno ou Guia indispensável para cada um se dirigir na vida sem auxílio de outrem* e não ter também feito nenhuma referência à leitura equivocada dos sobrinhos-netos de Anita tem alguma consequência? Assim como no Tema A e C, você também pode no Tema B escolher os elementos da coletânea com que você quer trabalhar em seu texto. É claro que há elementos que são fundamentais; por exemplo, você não poderia abolir Anita de sua história, já que ela é peça fundamental para a construção do enredo. Já que no Tema B existem elementos que não podem deixar de fazer parte de sua história, é preciso que você leia a proposta com atenção, para não cometer um escorregão facilmente evitado.

Para encerrarmos nossa conversa sobre o “Figurino Profano”, gostaríamos de chamar atenção para aquilo que parece ser a maior qualidade desse texto: a precisão. Muito do efeito conseguido vem da maneira como o candidato consegue descrever situações e dar encaminhamento ao enredo; é o que poderíamos chamar de estilo “*enxuto*”, aquele que atinge o seu alvo sem que para isso sejam dadas muitas voltas. Essa precisão podemos notar, por exemplo, na descrição do hotel e na de Anita (“doce e vulgar”). O candidato sabe aonde quer chegar e, assim, pode programar o seu texto, dando-nos pistas desde o começo, ora mostrando, ora escondendo um pouco do mistério. É importante ressaltar que não basta ser “*enxuto*”; tudo depende do tipo de enredo que é criado, da maneira escolhida para encaminhá-lo - não há fórmulas, mas escolhas certas mediante o efeito que se quer alcançar. Em “Figurino Profano” as escolhas certas foram tomadas - há um enredo em que é privilegiado o mistério, o qual vai sendo construído a partir de rápidas descrições de cenário e personagens; nada é gratuito, tudo tem uma função para o desenrolar da trama. Enfim, o candidato desenvolve um bom tipo de texto e cumpre a tarefa proposta pelo tema.



A Carta

Afinal, um minuto de paz. O marido no Rio de Janeiro, os filhos correndo na calçada, a casa (temporariamente) arrumada. Senta-se no degrau da cozinha, fita o quintal. As recordações embaçam-lhe a vista; espanta um mosquito como se ele pudesse levar no vôo sua mocidade. Esfrega a mão na barra do avental, lembra-se de umas compras, chama o filho mais velho e manda-o ao armazém.

Da porta da rua à mesa da sala, anda devagar. A carta aberta a ser respondida, há dias, esperando, como um animal prestes a dar o bote. Não, não tinha estudado nos melhores colégios, tão linda e inteligente, para ficar enclausurada naquela cidade. Nasceria rica, com um futuro brilhante, e estava ali, com o peso daquela gravidez e do casamento sobre seus ombros. Poderia até estar na Europa. Corre para o quarto, abre o armário com raiva, vê cada vestido do seu tempo, da época em que era sua própria dona, vivia a seu bel-prazer. O espelho na parede oposta refletia uma mulher ainda jovem, cabelos pretos e longos, que vestia perfeitamente as sedas importadas e caras. Provou os brincos de sua formatura. Era o orgulho de sua família. Lágrimas explodiram em seus olhos.

Fecha a mala com todos os seus pertences. Checa suas economias, escondidas há tanto tempo, esperando sua decisão. Apressadamente, ensaia algumas linhas para responder a carta. Seus olhos vermelhos e desesperados vasculham a estante, em busca de um livro. Na cópia, incorpora a melhor das esposas. Bate a porta. As chaves penduradas espiam a casa vazia.



Comentários

Este texto é bem diferente do analisado anteriormente; temos aqui uma outra via de desenvolvimento do tema e que cumpre também a tarefa. É interessante notarmos que um mesmo tema pode possibilitar diferentes caminhos de desenvolvimento - ora um enredo que tende mais ao mistério, ora um que tende mais ao humor, ora outro que tende mais à sondagem psicológica... No entanto, por mais que o tema venha a sugerir variados caminhos, é preciso ter cuidado para não perder a *tarefa* de vista.

Em "A carta" temos um narrador em terceira pessoa/onisciente que focaliza unicamente os pensamentos de Anita (embora não apareça esse nome, há informações no texto que nos levam a identificar a personagem). Já dissemos anteriormente que a escolha do narrador é de vital importância; note que "A carta" não existiria se não tivéssemos esse narrador: ele narra do interior da consciência de Anita, acompanhando seus pensamentos, o que por vezes acaba por gerar uma fusão entre narrador/personagem, perceptível na presença do discurso indireto livre (como em: "Não, não tinha estudado nos melhores colégios, tão linda e inteligente, para ficar enclausurada naquela cidade"). Perceba que não há nenhuma informação quanto à época em que a história se passa; centrado unicamente na consciência da personagem, preocupado em registrar a transformação psicológica que está prestes a acontecer, o candidato decide não fazer nenhuma referência ao tempo exterior: o que importa é o fluxo interior dos pensamentos da personagem. Como o viés escolhido foi o psicológico, no qual é focalizado um momento bastante preciso (aquele em que Anita está prestes a tomar uma importante decisão), há uma grande proximidade entre o que é mundo exterior e o que é interior, como se o primeiro fosse uma espécie de mote para a reflexão. Vamos acompanhar o enredo para verificarmos como essa relação se desenvolve.

O texto inicia-se por uma situação de equilíbrio, dada pelo fato de o marido estar no Rio, os filhos estarem brincando na rua e a casa estar temporariamente arrumada. Algo, no entanto, vem sutilmente dar mostras de que esse equilíbrio pode ser frágil: há recordações - não sabemos ainda do quê - que embaçam os olhos da personagem. A primeira relação explícita exterior/interior surge: "(...) espanta um mosquito como se ele pudesse levar no vôo a sua mocidade." Já sabemos a que se referem as recordações, sabemos também do desejo da personagem de afastar essas recordações para longe de si. Por um momento ela parece ter conseguido, pois Anita esfrega a mão no avental e, retornando ao seu papel de dona de casa, pede ao filho mais velho que vá ao armazém fazer compras.

Há, em seguida, uma mudança de ambiente: devagar Anita chega à mesa da sala, onde vê a carta do marido a qual lhe pareceu "um animal prestes a dar o bote." A partir daí o narrador fixa-se nos pensamentos da protagonista, que serão marcados por questionamentos cujo estopim é a presença da carta. O desequilíbrio começa a instaurar-se. Primeiramente, Anita lembra-se do que ela fora ("Tinha estudado nos melhores colégios", "linda", "inteligente"); depois, lembra-se do que naquele momento ela é: uma mulher enclausurada. Em seguida, recorda-se do futuro brilhante que lhe estaria predestinado, o qual é contraposto à realidade

de seu presente: o peso de uma gravidez “e do casamento sobre seus ombros”. Novamente ela vislumbra o que poderia ter sido a sua vida: “Poderia até estar na Europa.” Mediante esse que parece ser o auge de uma ascensão que ela não teve, Anita desespera-se e corre para o quarto. Perceba como há uma gradação nos movimentos da personagem: “Da porta da rua à mesa da sala”, ela anda devagar (sua reflexão ainda não se firmara); da sala para o quarto, ela corre, pois o movimento de seus pensamentos já se instaurara completamente. Perceba como há uma arquitetura no texto, como as mínimas informações vão encaixando-se. Com relação ao cenário (espaço), por exemplo, a escolha do candidato é perfeita: no início, a porta da rua, o exterior, a personagem está alheia ao seu mundo interno (pelo menos é isso o que ela tenta); logo em seguida vem a sala, um ambiente já um pouco mais interno, intermediário, onde ela encontra a imagem do marido e por consequência a da sua própria vida, com as dimensões do passado, presente e de um futuro que poderia ter sido e não foi; a partir daí ela desespera-se e vai para um ambiente mais íntimo, o quarto, e dentro desse o que há de mais pessoal: o guarda-roupa. Neste, ela depara-se com suas roupas, ou seja, com as imagens concretas do que ela havia sido; seus sentimentos parecem chegar a um clímax: Anita tem raiva. Mais um dado estratégico do cenário é colocado: no lado oposto ao guarda-roupa Anita vê um espelho em que se reflete a sua imagem - “O espelho na parede oposta refletia uma mulher ainda jovem, cabelos pretos e longos, que vestia perfeitamente as sedas importadas e caras”. Só agora temos uma descrição física de Anita; descrição essa que aparece no momento certo, pois ao se olhar a protagonista vê naquilo que é a possibilidade de realizar o seu sonho de juventude. Em seguida, Anita coloca seus brincos de formatura; mais um símbolo de seu passado é ativado e com ele vem a lembrança de que ela era o orgulho da família - o resultado dessa última constatação são as lágrimas que explodem em seus olhos: um novo momento de clímax em seus sentimentos, que resulta numa tomada de decisão. Estamos chegando ao desfecho do enredo.

Para mostrar qual decisão foi tomada pela protagonista, o candidato preferiu descrever uma cena que mostrasse essa decisão, os invés de colocar na mente da personagem as palavras que indicariam a decisão por ela tomada: “Fecha a mala com todos os seus pertences. Checa suas economias, escondidas há tanto tempo, esperando sua decisão.” Nesse momento da narrativa, surge a carta que Anita escreveu para o marido: “Apressadamente, ensaia algumas linhas para responder a carta. Seus olhos vermelhos e desesperados vasculham a estante em busca de um livro. Na cópia, incorpora a melhor das esposas.”

Esse trecho marca explicitamente que a carta tem um outro sentido que não o literal; o fato de a protagonista vir a incorporar “a melhor das esposas” afirma a realidade das inquietações vistas no segundo parágrafo de “A carta”. Esse mergulho fora tão profundo que deixara Anita num estado tal que ela talvez nem pudesse com suas próprias palavras fingir uma situação de normalidade; ela necessitava das palavras de um outro, a cópia de um modelo. Por todo o desenrolar dos pensamentos de Anita, por tudo o que ela mostrou do desgosto e da revolta que possuía com relação à sua vida, sabemos que há uma total dissociação entre a carta e os sentimentos da protagonista; ou seja, a *tarefa* foi cumprida, já que foi criado um contexto que torna inadequada a leitura literal da carta.

Vimos que depois do segundo momento em que Anita sente uma exacerbação de seus sentimentos (marcada pelas lágrimas que *explodem* em seus olhos), sua decisão é mostrada através de suas atitudes (ela arruma a sua mala). Note que a narrativa nesse ponto sofre uma espécie de aceleração pausada: o narrador não mais nos revela os pensamentos da protagonista (não há mais o ritmo um tanto quanto acelerado visto no segundo parágrafo); o que vemos são algumas descrições rápidas e localizadas - uma delas, mostra-nos o estado interior de Anita (“seus olhos vermelhos e desesperados”); outras duas mostram de maneira breve e eficiente o desfecho: “Bate a porta. As chaves penduradas espiam a casa vazia.” Vemos aqui uma retomada do cenário inicial - a porta da rua - num sentido inverso: antes a protagonista se movimentou de fora para dentro da casa; agora, completa-se o percurso, voltando-se ao cenário inicial com a perspectiva oposta, ou seja, do interior para o exterior. Através de uma rápida humanização das chaves, o narrador dirige o nosso olhar para o interior da casa, para que possamos ver o vazio deixado por Anita; esse vazio parece ser tão grande que não há nem a presença de alguém para testemunhá-lo, por isso a necessidade de se atribuir às chaves a capacidade de espionar.

No começo desta nossa leitura de “A carta” vimos que o candidato não teve a preocupação de fazer uma localização temporal de sua história; resta-nos ver qual a perspectiva temporal assumida pelo narrador. Todo o primeiro parágrafo possui verbos no presente do

indicativo, o que nos leva a crer que a perspectiva temporal está no presente. No segundo parágrafo, temos um primeiro verbo no presente (“anda”); depois, aparecem alguns no passado, outros no presente e, os últimos do parágrafo, novamente no passado. Os primeiros verbos no passado (“tinha”, “nascera”, “estava”) estão adequadamente empregados, porque estão descrevendo a vida anterior ao casamento. Após essa rápida descrição, temos a retomada dos verbos no presente: “corre”, “abre”, “vê”; segue-se mais uma descrição: “(...) da época em que *era* sua própria dona, *vivia* a seu bel prazer.” Até aqui a utilização dos tempos verbais está correta, respeitando a perspectiva temporal assumida (o presente). Vejamos o final desse parágrafo: “O espelho na parede oposta *refletia* uma mulher ainda jovem, cabelos pretos e longos, que *vestia* perfeitamente as sedas importadas e caras. *Provou* os brincos de sua formatura. *Era* o orgulho de sua família. Lágrimas *explodiram* em seus olhos.” O trecho imediatamente anterior a este que acabamos de transcrever é aquele em que foi feita uma descrição do passado de Anita e, justamente por isso, era adequada a utilização dos tempos verbais no passado. No entanto, a cena mostrada logo após essa descrição não dizia mais respeito a algo *passado*; Anita estava vendo o seu reflexo no espelho, essa era uma ação no *presente* e, portanto, deveria ter sido descrita com os verbos no *presente*. Enquanto se desenvolve essa ação presente, há uma colocação que fala de algo passado, por isso a utilização do pretérito imperfeito está adequada: “*Era* o orgulho da família.” No trecho iniciado em “O espelho na parede...” houve uma espécie de contaminação verbal, o candidato não soube retomar a perspectiva verbal por ele assumida desde o início do texto. Perceba que essa perspectiva é retomada no terceiro parágrafo, em que os verbos estão novamente no presente. Temos, portanto, um problema localizado de troca de perspectiva temporal que afeta a coerência temporal do texto, algo semelhante ao que havíamos visto em “Figurino Profano”.

* * *

Depois dessas nossas análises, talvez você esteja achando ainda mais difícil escrever uma narrativa... Na realidade, escolhemos dois textos bastante especiais para começarmos nossa conversa sobre o Tema B; queríamos textos que tivessem alguma riqueza, algum tratamento diferenciado dos elementos da narrativa, justamente para mostrarmos para você algumas interessantes possibilidades de trabalho com os *elementos*. É como se estivéssemos também mostrando para você uma maneira de se ler um texto narrativo, de se compreender como a sua estrutura funciona; fizemos, enfim, um exercício de interpretação textual.

Vejamos agora mais um texto:



Exemplo de Redação

(Texto sem título)

A carta encontrada entre os papéis de minha família que era de uma tia-avó, já falecida causou muita confusão, pois algumas pessoas entenderam-na errado fora do seu verdadeiro contexto e não sei como não a entenderam por ser clara e objetiva.

Os mais velhos da família sabiam o verdadeiro significado desta carta enquanto os mais jovens com os seus entendimentos totalmente literais.

Assim foi colocado um grande grau de desentendimento entre esses jovens que disluc, digo, discutiam entre si sobre o que poderia ser ou não ser esta carta, no entanto, os mais velhos tentavam colocar em suas cabeças que não era preciso tanto desentendimento entre eles porque não um entendimento tão literal.

Um dia um desses jovens procurou uma pessoa mais velha para tentar entender o objetivo ou significado desta carta que por consequência essa pessoa falou que ele e os outros jovens tinham entendido errado a carta que o seu verdadeiro significado era que se tratava de uma cópia de um livro muito difundido na época, portanto não era razão para tanta confusão.



Comentários

E aí? Como você vê caímos de um extremo ao outro. Nesse texto, o foco narrativo é aquele sugerido pela apresentação da proposta; o texto inteiro, aliás, aparece mais a proposta escrita novamente, quase não temos uma narrativa desenvolvida pelo próprio candidato. Podemos pensar no Tema B como uma espécie de criação e desenvolvimento de uma solução para uma espécie de problema apresentado. A proposta oferece uma semente do enredo que você deve ampliar através da criação de algo novo. É na criação desse “algo” que você vai trabalhar os elementos da narrativa que são mais adequados para que essa criação se realize de forma eficiente. O grande problema dessa última redação é que não existe nela a criação de algo novo, é como se a resposta que o candidato deu ao tema tendesse ao silêncio; não houve a criação de uma narrativa, mas uma paráfrase da proposta.



A Vingança

Amanhecera lindamente o dia, revelando tons dourados sobre os lençóis da cama. Lindolfo partira numa viagem de um ou dois meses, não importava, Anita só conseguia pensar nas coisas que podia fazer com a ausência do marido.

Esticou-se na cama e começou a sentir a liberdade preenchendo suas veias numa alegria incontrolável: tinha que aproveitar essa folga merecida.

Desceu as escadas e já encontrou o café da manhã na mesa, até os filhos sentiam-se mais alegres e soltos sem a presença do pai. Cortando o pão, pensou na paz que seria ficar um mês sem sentir o hálito nauseante do marido, sem ver aquela figura gorda e relaxada arrastando-se do quarto para a sala, sem ouvir seus berros e maldições, só porque ela não conseguira fazer um arroz soltinho, como ele gostava. Hoje comeriam todos fora, só para comemorar. Esse pensamento fez Anita esboçar um sorriso, que formou um riso, que desabrochou numa sonora gargalhada. Os filhos entreolharam-se perplexos por sobre o café da manhã.

Não lavaria uma peça sequer das roupas dele, deixaria que todas mofassem no cesto e se proibiu de pensar em arrumar a casa. Seria um dia de divertimento e paz, junto dos filhos ou não, queria apenas ficar sentada no sofá da sala, de pernas para o ar, ou brincar com os cachorros no quintal, como a muito não fazia.

Escancarou as janelas da sala para que o sol penetrasse em todos os aposentos e foi dar uma olhada no jardim. Suas flores, carentes de cuidado, definhavam lentamente, como o seu casamento. Já não falava com Lindolfo a mais de quatro meses, viviam como estranhos, após vinte anos de casados.

Levantou a cabeça, tentando esquecer a figura insólita e rude do marido, e o seu cheiro permanente de bebida. Foi quando percebeu que estava sendo observada pelo vizinho. Nunca prestara atenção nela, era uma mulher casada, mãe de duas jovens moças e de um rapaz que engrossara as fileiras do Exército. Mas, naquele momento, sentia-se livre o suficiente para notar os músculos definidos, a pele trigueira e os cabelos castanhos que desciam pelos ombros do garboso rapaz.

Oras, ainda era uma mulher bonita; apesar de estar beirando os quarenta, conservara muito bem sua juventude. Além disso, era inteligente e interessante, sentia-se maravilhada com o interesse do rapaz. Antes que se desse conta já estava amiga do vizinho, conversando e rindo para horror da vizinhança que constituía-se, basicamente, de parentes do seu marido.

Nelson, esse era o nome da beldade. Convidou-a para jantar em seu casa. Não havia como recusar, moravam tão perto e Anita pensou no marido, mas não com arrependimento e, sim, com desejos de vingança. Quantas vezes ele não a traíra?

Quando anoiteceu, tomou um banho morno e demorado, passou o melhor perfume que tinha e vestiu aquele vestido vermelho decotado, que Lindolfo nunca a deixara usar. Desceu triunfante as escadas que davam para a sala e, para completar a alegria da noite, sentou-se na escrivaninha para escrever uma carta ao marido. Assinaria sua boa e querida mulher. Pobre tolo, pensou que a enganaria sempre.

Beijou as filhas e, sem maiores explicações, dirigiu-se à casa do vizinho para completar sua vingança ao som de boa música e regada ao melhor vinho branco da praça, que ela mesma fez questão de levar.



Comentários

Queremos com esse texto mostrar uma narrativa cuja interpretação é mais direta que, por exemplo, a d' "A carta"; isso não faz com que "A vingança" seja melhor ou pior - temos apenas uma outra maneira de estruturação narrativa.

É muito comum quando se fala em dissertação, falar-se em "introdução", "desenvolvimento" e "conclusão" - a famosa fórmula. Essa "fórmula" em si não é um problema, mesmo porque muitos textos têm essa constituição e se desenvolvem adequadamente. O problema surge quando a fórmula parece ser tudo e vemos um esforço em se preencher essas partes do texto com um conteúdo frágil; forma e conteúdo têm que andar juntos, para que não haja o prejuízo nem de um, nem de outro.

Nas narrativas, também podemos falar de uma "fórmula" para a estruturação do enredo, que seria algo como: 1) situação inicial (apresentação de personagem(ns) ou de um estado de equilíbrio); 2) perturbação do equilíbrio inicial; 3) desenvolvimento desse "desequilíbrio"; 4) "desequilíbrio" chega ao seu ponto máximo (climax); 5) nova instalação de um equilíbrio (desfecho). Muitas narrativas seguem, de fato, essa estruturação; muitos textos, no entanto, possuem uma outra organização. Pode ser um bom exercício a busca em diversos textos narrativos dessa estrutura, para você ver que há diferentes maneiras dessas partes se disporem

e que elas podem até mesmo se ausentar. Tudo depende, mais uma vez, do efeito que se quer conseguir. Antes de analisarmos “A vingança” vamos dar mais uma olhada em “A carta” para vermos como se realiza sua estruturação do enredo.

No início de “A carta” temos a descrição de uma situação de equilíbrio em que há um prenúncio do desequilíbrio que está por vir. Quando Anita vê a carta do marido, inicia-se a quebra do frágil equilíbrio visto no primeiro parágrafo; em seguida, temos o desenvolvimento dessa situação de desequilíbrio que chega ao seu ápice no final do segundo parágrafo, momento em que as “lágrimas explodiram em seus olhos”. No último parágrafo temos a instalação de um novo equilíbrio, o desfecho da história. Vemos, com isso, que “A carta possui uma estrutura bem próxima daquela que havíamos indicado com a maneira mais usual de se organizar o enredo.

Em “A vingança”, o enredo se organiza de forma um pouco diversa da que acabamos de ver. Primeiramente, temos um *equilíbrio* bastante singular, que advém de um dia de *exceção* - o equilíbrio só existe porque o marido se encontra longe. Entremeando a descrição desse dia livre e feliz na vida da protagonista, surgem algumas descrições do marido que vêm reforçar a liberdade de Anita; afinal, ela está livre daquele homem de “hálito nauseante”. Essa sensação de liberdade também é reforçada através da descrição daquela que seria a vida cotidiana de Anita (lavar roupas, arrumar a casa), em que não tinha tempo sequer para cuidar de suas flores; há, portanto, uma oposição passado/momento atual que nos leva a entender o porquê de Anita estar tão feliz. Vemos assim que o enredo vai se construindo com presente e passado se entrecruzando, num jogo de vaivém que torna o enredo bastante dinâmico. Não há nesse texto uma apresentação inicial das personagens; ao invés disso, há uma apresentação de uma *situação* inicial, que será aos poucos explicada pela inclusão das personagens e suas características. A grande diferença na estruturação de “A vingança” com relação a d’ “A carta” está na maneira como a situação inicial é montada; note que n’ “A Vingança” a situação de equilíbrio perdura até mais da metade do texto, quando surge o “garboso” vizinho. O foco desse texto é justamente mostrar toda a liberdade que a protagonista está vivenciando; vemos que para que isso aconteça, entremeia-se o presente gostoso a um passado horroroso, o que parece ter a função de mostrar que Anita tinha quase a obrigação de trair o marido com o vizinho bonito.

N’ “A carta”, a “situação inicial” é bastante breve, ocupando um rápido primeiro parágrafo; o foco do candidato é o “desenvolvimento do desequilíbrio”, momento em que os pensamentos da personagem atingem um movimento acentuado que leva a um clímax com forte dramaticidade. Perceba também como o desfecho é bastante rápido, o que vem a confirmar a importância dada ao “desenvolvimento”.

N’ “A vingança”, o elemento que vem “perturbar” o equilíbrio é a presença do vizinho; na realidade, essa presença não se constitui como um fator de perturbação propriamente dito, mas como um novo elemento que terá função fundamental no desfecho. Qual seria o momento em que o clímax é atingido? Qual o momento em que há uma maior carga dramática? Esse momento surge quando Nelson convida Anita para jantar, o que a leva a pensar no marido, “mas não com arrependimento e, sim, com desejos de vingança. Quantas vezes ele não a trairá?”. O clímax de “A vingança” tem uma intensidade dramática bem menor que o d’ “A carta”; isso ocorre porque “A vingança” focaliza o prazer que Anita estava experimentando com sua nova liberdade e esse prazer é tão grande que praticamente anula qualquer sentimento de remorso e, por isso mesmo, permite que a vingança da protagonista se realize plenamente. Perceba também como o desfecho é aqui mais longo que o d’ “A carta”, desenvolvendo-se de maneira um pouco lenta, culminando com o melhor vinho branco que a própria Anita “fez questão de levar”.

Esperamos que com esse nosso exercício de leitura do Tema B, a narrativa possa deixar de ser, para aqueles que assim a viam, um bicho de sete cabeças. Ao menos, que seja de cinco: narrador, espaço, personagens, tempo e enredo; além do mais, o bicho nunca é tão feio quanto pintam... Ler textos narrativos (além de escrevê-los, é claro) ainda é uma ótima maneira de aprender como a estrutura narrativa se organiza: é por isso que tentamos nos deter numa espécie de interpretação centrada nos elementos narrativos. Contar uma história é criar relações entre esses elementos, é trabalhar com causa e efeito, com algum começo, algum meio, algum fim. É criar personagens, imaginar situações, arquitetar-las, encadeá-las, desenvolvê-las e, enfim, terminá-las.

Vamos De Carta?



O empresário Antonio Ermírio de Moraes escreveu o artigo abaixo (**Folha de São Paulo**, 3/8/97) em que se manifesta sobre a sujeira na cidade de São Paulo. Leia o artigo com atenção e reflita também sobre o que está sugerido nas entrelinhas a propósito de pobreza, cidadania, limpeza, ação governamental, etc.

Até quando, São Paulo?

Os leitores têm todo o direito de se queixar quando volto a um mesmo assunto.

Acontece que o retorno ao tema decorre da persistência do problema. Refiro-me à imundície que campeia na cidade de São Paulo.

Muita gente confunde pobreza com sujeira. Nada mais errado. As pessoas humildes são exatamente as que mais valorizam o asseio, a higiene e a limpeza.

Você já notou como é generalizado o banho dos trabalhadores da construção civil depois de uma jornada de trabalho?

Você já reparou como são bem areadas as panelas das donas-de-casas dos domicílios das periferias?

Você já observou a brancura das camisas e blusas dos uniformes dos seus filhos?

O que se vê na capital de São Paulo é fruto de puro abandono e total falta de autoridade.

São pessoas imundas que emporcalham a cidade como prova da sua selvageria e reflexo da insensibilidade dos governantes.

Uns defecam nos jardins. Outros cozinham debaixo dos viadutos. Há ainda os que penduram a roupa encardida nos galhos das árvores. Tudo a céu aberto e no maior acinte aos cidadãos que aqui vivem.

Na ausência de um plano diretor para cuidar da habitação, avoluma-se o número de pessoas que, usando tábuas, papelão e até embalagens de geladeiras, vão se mudando definitivamente para debaixo das pontes, onde passam a residir "tranquilamente" no meio de escandalosa sujeira.

O mais espantoso é ver as autoridades municipais e estaduais consentirem com a multiplicação desses chiqueiros que, na verdade, são uma verdadeira provocação aos que pagam altos impostos e que têm o direito de exigir um mínimo de higiene na cidade em que habitam e trabalham.

Já passou bastante da hora de as autoridades agirem. Elas estão atrasadas há vários anos - mas têm de agir.

Não é justo que a população como um todo seja submetida a um ambiente tão vergonhoso e deprimente como é o de São Paulo.

Não sou saudosista a ponto de querer voltar ao tempo do prefeito Faria Lima, quando o símbolo da capital era uma bela rosa.

Mas também não acho correto submeter um povo trabalhador a uma cidade imunda e abandonada.

Afinal, esse povo está seguindo as regras democráticas, comparece às eleições e escolhe ordeiramente os seus vereadores, prefeitos e governadores.

É hora de eles realizarem mais trabalho e menos política, limpando esta cidade que já foi orgulho do nosso país. Mãos à obra!

A partir da leitura e da sua reflexão sobre os implícitos, e imaginando que você discorda do articulista, escreva-lhe uma carta, na forma de um texto argumentativo, na qual você exponha as razões de sua discordância.

ATENÇÃO: AO ASSINAR A CARTA, USE INICIAIS APENAS, DE FORMA A NÃO SE IDENTIFICAR.



Prezado candidato:

Escrever uma carta querendo convencer o interlocutor não é tarefa tão simples. Não se trata meramente de saber usar fórmulas epistolares ("Prezado Senhor", vocativos, cumprimentos finais) mas sim de saber como é o interlocutor e pesar os argumentos que o sensibilizem. Cartas que você provavelmente mais escreveu na sua vida foram cartas centradas em você mesmo: uma carta de amor, um desabafo; ou então cartas em que o foco estava no relato de uma viagem, de uma briga ou de seus atos cotidianos. Mas você já deve ter escrito alguma carta pedindo dinheiro à sua tia, alguma carta pedindo que alguém mude de opinião a seu respeito, uma carta pedindo permissão a seus pais para ir acampar, uma carta solicitando ao diretor da escola a permissão para utilizar aos sábados à noite a quadra poliesportiva etc.

Nessas suas experiências, você já deve ter se deparado com escolhas de termos (ora para ser mais incisivo, ora para ser mais brando) e com escolha de argumentos (aqueles que, para seu destinatário, você supõe ser mais eficaz). E se, alguma vez na vida, alguém pediu para que você o ajudasse a escrever uma carta desse tipo - ou seja, uma carta cujo objetivo era convencer o interlocutor -, você certamente lhe fez perguntas sobre o destinatário: é velho? é moço? é antipático? é do tipo bonachão? é sensível a problemas sociais? alguma vez atendeu a pedidos semelhantes? alguma vez fez declarações sobre assuntos desse tipo? é autoritário? é democrático?

No caso da proposta do Tema C do Vestibular Unicamp 98, o destinatário era o empresário Antônio Ermírio de Moraes, o qual deveria ser conhecido do vestibulando pela sua importância no cenário político e econômico brasileiro; além do mais, o empresário se dá a conhecer pelo artigo "Até quando, São Paulo?", que a banca elaboradora da prova escolheu para servir de base à tarefa do candidato.

Para construir sua argumentação de modo a que ela atinja o interlocutor, não basta contrapor seus argumentos aos argumentos apresentados. Trata-se de desmascarar o que embasa a argumentação do outro. Lembre-se de que a unir os argumentos está uma argumentação, *uma linha de raciocínio*. O trabalho do vestibulando aqui era perceber essa linha implícita, explicitá-la e rebatê-la. Era preciso deixar o interlocutor sem fala num primeiro momento, como alguém que foi desmascarado de surpresa.

Mais especificamente, podemos dizer que *não se tratava de um embate de opiniões*: pobre é limpo x pobre é sujo, por exemplo; ou as autoridades nada fazem x as autoridades tentam fazer algo. Isto seria opinião versus opinião e - é claro - cada um ficaria com sua própria. Para ser eficaz como *argumento*, uma *opinião* tem que ser embasada. Uma discussão só consegue sair do nível de mero enfrentamento de interlocutores no momento em que uma opinião se transforma em argumento. No entanto, isto só não basta. Para que o argumento consiga provocar o efeito esperado (que é o de convencer, de persuadir), é preciso um esforço maior que implica em fundamentar solidamente cada novo argumento (sendo que para isso é necessário, muitas vezes, supor possíveis contra-argumentos e refutá-los) e em desestabilizar os argumentos apresentados por seu interlocutor.

Pois bem, a banca elaboradora do Vestibular Unicamp 98 sugeriu ao candidato o caminho: "A partir da leitura e da sua reflexão sobre os implícitos, e imaginando que você discorda do articulista, escreva-lhe uma carta, na forma de um texto argumentativo, na qual você exponha as razões de sua discordância". Com isto, já se diz o que se pretende: expor as razões da discordância não é apenas discordar, trazer opiniões contrárias; é embasar as opiniões, dizer o porquê delas; partir da reflexão sobre os implícitos significa dar o devido valor aos argumentos do interlocutor, perceber a dimensão deles. Como, neste caso, a tarefa proposta previa que o candidato assumisse uma posição de discordância com relação ao articulista, dar o devido valor aos argumentos, perceber sua dimensão significava *desmascará-los, mostrá-los na sua pequenez, desvendar neles uma segunda intenção que não se quis publicar*.

Seria então essa tarefa mais difícil do que sempre? Não, de modo algum. A tarefa de persuadir sempre supõe esse comportamento: quem rebate as opiniões de outro, se o quer vencer, tem sempre de se mostrar mais esperto, mais malicioso, tem sempre que não ter medo de desmascará-lo. Neste ano, a prova da Unicamp apenas expôs de maneira clara a exigência que sempre subjaz a uma tarefa desse tipo.



O artigo de Antônio Ermírio de Moraes é complexo e polêmico, ao menos o suficiente para, a partir dele, se propor uma tarefa na qual o candidato deveria apontar aspectos merecedores de crítica, ressalva ou reparo. O candidato poderia adotar uma posição de discordância em relação ao mérito mesmo do texto saindo em defesa do poder público,

argumentando que, longe do que afirma o empresário, o poder público não é omissivo; poderia também atacar o mérito do artigo criticando o modelo de desenvolvimento adotado pelo país, que acaba obrigando as camadas mais pobres a ocupar os espaços públicos.

Poderia desmascarar o articulista na medida em que este, enquanto industrial, tem sua parcela de responsabilidade nesse modelo econômico adotado pelo país.

Poderia ainda o candidato mostrar que o artigo não passa de um discurso de quem está se candidatando a cargos políticos. Poderia apontar a fragilidade da crítica do empresário por ser genérica demais, ou ingênua, ou sonhadora, ou preconceituosa ou episódica.

Em resumo, o candidato tem dois caminhos ideais (além, é claro, de qualquer outro caminho que acabe por levá-lo ao objetivo proposto na tarefa):

a) contrapor-se ao articulista revelando a fragilidade e as contradições do seu artigo;
b) contrapor-se ao articulista demonstrando-lhe que não se deixa enganar, que percebe, por baixo do que está explicitamente afirmado, concepções como:

- os miseráveis são selvagens
- os miseráveis são porcos
- os miseráveis são provocadores, acintosos
- na categoria "cidadão" não entram os miseráveis
- o problema da sujeira seria resolvido por um governo mais autoritário
- a ação das autoridades deveria ser a de retirar os miseráveis da vista dos "cidadãos".

Por fim, antes de passarmos à análise das redações de alguns candidatos: lembre-se de que não basta juntar argumentos. É preciso saber escolher os argumentos e encadeá-los com lógica. *Bons argumentos não implicam necessariamente numa boa argumentação.*



Exemplo de Redação

Campinas, 30 de novembro de 1997.

*Ilmo. Sr.
Antonio Ermírio de Moraes*

Como estudante e cidadã desse país, não pude deixar de lhe escrever ao ler seu artigo de 03 de agosto de 1997 que trata da imundície da cidade de São Paulo.

Em primeiro lugar, digo-lhe que o senhor entrou em contradição. Disse que os menos abastados são os que mais valorizam a limpeza, mas, apesar da afirmação anterior, todos os exemplos de sujeira de seu texto são causados pela miséria, como cozinhar debaixo dos viadutos ou pendurar roupa encardida nos galhos de árvores. Essas pessoas que não têm moradia, não têm emprego, que nunca frequentaram escolas são muito mais miseráveis do que os "pseudo-pobres" que o senhor chamou de limpos.

Em segundo lugar, essas pessoas imundas, como o senhor mesmo disse com um certo tom de preconceito, agem dessa forma por falta de opção. Elas vivem totalmente à margem da sociedade, em condições sub-humanas, pois a estes que também deveriam ser considerados cidadãos não foi dada nenhuma chance.

Digo-lhe também que, excetuando-se os sonegadores, são os ricos que pagam impostos, e ao fazê-lo, canalizam parte do dinheiro para a limpeza de sua cidade. Mas antes de os contribuintes se sentirem provocados pela imundície da cidade, deveriam refletir e pensar mais em quem eleger nas próximas eleições. Ao invés de votar nos candidatos favoráveis aos seus interesses pessoais, deveriam votar naquele que realizará algo no setor social, pois se a qualidade de vida da população pobre melhorasse, existiria menos miséria, violência e também menos sujeira.

Por falar de eleições, senhor Antonio Ermírio de Moraes, ocorreu-me que em seu artigo o senhor fez várias críticas às autoridades, responsabilizando-as pela imundície da cidade. Será que talvez o senhor não esteja querendo atingir o atual governo, visando sua posição nas próximas eleições?

A sujeira da cidade de São Paulo só vai ter fim quando for dada à população miserável condições de vida dignas de todo ser humano e todo cidadão. Isto é democracia, senhor Antonio Ermírio. Isto é o que queremos.

*Atenciosamente,
T.D.T.*

Trata-se de uma carta? Sim, pois o candidato se constitui como sujeito emissor e constitui Antônio Ermírio de Moraes como seu interlocutor direto, além de recorrer a fórmulas próprias de cartas.

E esta carta cumpre seu papel, o de se contrapor, com fundamento, a Antônio Ermírio? Em outras palavras, trata-se de uma carta argumentativa? Sim, pois o candidato mostra que sabe ler o artigo, que percebe nele contradições:

“Em primeiro lugar, digo-lhe que o senhor entrou em contradição. Disse que os menos abastados são os que mais valorizam a limpeza, mas, apesar da afirmação anterior, todos os exemplos de seu texto são causados pela miséria.”

Também se contrapõe a Antônio Ermírio quando explicita que lê os implícitos:

“Essas pessoas que não têm moradia, não têm emprego, que nunca frequentaram escolas são muito mais miseráveis do que os ‘pseudo-pobres’ que o senhor chamou de limpos.” O que o candidato faz aqui é mostrar que o articulista usa um termo (*pobre*) querendo enganar quem o lê, pois o aplica aos “pseudo-pobres”.

Ainda desvelando os implícitos, o candidato mostra ao articulista ter percebido que a categoria de *cidadãos*, para este, não inclui os miseráveis e que, portanto, quando Antônio Ermírio está defendendo os cidadãos, ele o faz em detrimento dos miseráveis: “Em segundo lugar, essas pessoas imundas (...) vivem totalmente à margem da sociedade (...) pois a estes que também deveriam ser considerados cidadãos não foi dada nenhuma chance.”

Por vários momentos, o texto elucida uma leitura perspicaz feita pelo candidato. Mais ainda, com seu conhecimento exterior e anterior ao artigo, o candidato, recordando-se de quem é Antônio Ermírio, supõe que este novamente queira se candidatar para o próximo governo: “Será que talvez o senhor não esteja querendo atingir o atual governo, visando sua posição nas próximas eleições?”. Assim, seu artigo é desmascarado já desde o início: não deveria ser avaliado quanto ao mérito de suas afirmações já que a intenção é a de ser um discurso político eleitoral.

Resumindo, esta carta revela contradições que fragilizam os argumentos do artigo; expõe implícitos que encaminhariam os leitores a uma leitura equivocada; e finalmente desmascara o artigo na medida em que o percebe com sua intenção eleitoral.

Exemplo de Redação

São Paulo, 4 de agosto de 1997

Senhor Antonio Ermirio de Moraes:

Eu como cidadã da cidade de São Paulo, li ontem na Folha de São Paulo a sua opinião sobre a sujeira de São Paulo, então como eu sou contra a sua observação resolvi escrever-lhe, para demonstrar como o senhor está enganado.

Pois São Paulo a cada dia que passa vem melhorando o seu ambiente, a população e os governadores, estão fazendo o impossível para conseguir organizar e limpar São Paulo.

Por exemplo o nosso atual prefeito vem impondo rodízio de carro, para melhorar a poluição, as margaridas estão nas ruas desde de manhã até a noite limpando a cidade.

No entanto as pessoas que moram nas ruas de São Paulo, e que você disse que estas imporcalham a cidade, são as que mais tentam deixar São Paulo limpa, pois elas moram perto dos rios e não têm interesse que o nível do rio suba e inunde as suas casas.

Então o que posso concluir é que o senhor empresário está muito enganado sobre as condições da higiene da nossa cidade, pois a população e os governantes vêm criando projetos que estão dando certo, porque a cidade está esse mais limpa do que o ano passado.

Peço a você Antônio que sai um pouco do seu escritório e veja como São Paulo tem mudado na higiene e limpeza da nossa cidade.

*Obrigada pela Atenção
V.C.*

A carta acima é um exemplo de embate de opiniões: a remetente afirma que São Paulo está cada vez mais limpa e isso por empenho dos dirigentes e da população da cidade. Afirma mais ainda: que os miseráveis são os que mais se empenham, por necessidade mesmo, em não sujar os rios. O que o candidato faz, no papel do remetente da carta, é se opor à opinião do artigo sobre o nível e as causas da sujeira em São Paulo bem como às possíveis soluções. A remetente parece se esquecer de que o artigo foi escrito por alguém sob cujas opiniões

expressas há convicções não confessas (segundo sugestão do próprio tema dado pelo Vestibular Unicamp 98).

Argumentar para convencer um interlocutor específico é o que faz a diferença do Tema C em relação ao tema A: neste último, a exposição bem encadeada de idéias resulta no cumprimento da tarefa pedida no tema da redação; no caso do tema C, a constituição do interlocutor no texto-resposta é o que dá a diretriz da argumentação, ou seja, a argumentação é montada tendo em vista o interlocutor a quem ela se destina.

A redação em análise não cria a interlocução pois, para a constituição do interlocutor, não é suficiente o que fez a “cidadã da cidade de São Paulo”:

a) referências ao artigo: “li (...) a sua opinião”;

b) referências explícitas ao interlocutor: “como eu sou contra a *sua* observação”, “resolvi escrever-*lhe*”, “(...) e que *você* disse que”; “o *senhor empresário* está muito enganado”; “Peço a *você Antônio*”.

Em resumo, não há argumentação eficiente, ou melhor, não há exposição de argumentos para um sujeito específico, ou seja, a remetente não soube construir (a partir da leitura de “Até quando, São Paulo?” ou a partir de um conhecimento prévio) um interlocutor bem claro a se atingir com a argumentação.



Exemplo de Redação

Campinas, 30 de novembro de 1997.

Sr.

Antônio Ermírio de Moraes

*Tomei a liberdade de *lhe* dirigir algumas palavras sobre um artigo publicado na (Folha de São Paulo (3/8/97)) pelo senhor, dizendo a respeito da sujeira que se encontra a cidade de São Paulo.*

Atualmente temos uma diversidade econômica e cultural acentuada em nosso país, existindo assim, ricos, pobres e miseráveis. Pode-se notar que há uma inversão de valores em seu artigo: Pois as pessoas humildes não causam problemas a cidade porque trabalham, estudam e pagam impostos, tentando assim obter uma vida digna.

Os miseráveis por sua vez, são membros excluídos da sociedade, que não tiveram outra alternativa a não ser, irem para as ruas e viadutos, causando-nos vergonha, desprezo e sujeira.

Porventura não somos os culpados ou cúmplices por esta situação, e não apenas o governo, o qual responsabilizamos tanto?

Talvez se ricos e empresários cooperarem para ajudar a sociedade, criando novos empregos, reduzindo seus lucros e favorecessem oportunidades a tantos necessitados poderíamos ter uma sociedade mais homogênea.

Atenciosamente

S.M.C.



Comentários

Observe como esta carta tenta deslocar o ponto de vista de Antônio Ermírio sobre a divisão dos homens na sociedade: “Pode-se notar que há uma inversão de valores em seu artigo”. Culpa a própria sociedade de querer manter a divisão entre ricos, pobres e miseráveis. Faz isso para que seu interlocutor entenda que a miséria dos homens é gerada pela ganância dos poderosos.

O candidato pretende atingir Antônio Ermírio colocando-o no lugar de rico, de poderoso, de empresário. O candidato, porém, não vai desmontando aos poucos a argumentação do articulista mostrando-*lhe* que seus alicerces são fracos (porque são falsos); tampouco o candidato trabalha no nível dos argumentos do articulista procurando contradições, paradoxos, incoerências.

O candidato disserta sobre a injustiça na distribuição de renda aproveitando a deixa do articulista - apesar de não elucidá-la - quando este faz a seguinte afirmação sobre os miseráveis: “São pessoas imundas que emporcalham a cidade como prova de sua selvageria e reflexo da insensibilidade do governo”. Além da interlocução que se dá pela referência ao artigo de Antônio Ermírio com a qual inaugura a carta e pela despedida final, nota-se uma interlocução visando a uma argumentação eficiente nos dois parágrafos finais: é neles que o candidato vai se identificar com o empresário na parcela de culpa que cabe a nós pela situação social em que vivemos; é neles também que o candidato vai mais sutilmente sugerir a ricos e empresários - seu destinatário aí incluído - uma cooperação no sentido de reduzir lucros e ampliar as oportunidades de emprego às demais camadas da sociedade.

Atenciosamente,

MMM e PABS

A prova de 1ª fase do Vestibular Unicamp, além de propor uma redação, é constituída por duas questões de cada uma destas disciplinas de 2º grau: Matemática, Química, Física, Geografia, História e Biologia.

O objetivo das questões da 1ª fase é verificar se há domínio de conceitos básicos, se o candidato sabe tratar dados que lhe são apresentados (isto é, se sabe ler, compreender, interpretar e relacionar esses dados) e se consegue redigir sua resposta com clareza e coerência. São questões gerais, simples, normalmente envolvendo o cotidiano dos candidatos, elaboradas com a função de avaliar a capacidade de análise e de crítica.

Em resumo, um estudante familiarizado com o conteúdo programático de 2º grau e que seja capaz de estabelecer relações a partir da interpretação dos dados e de elaborar hipóteses estará certamente apto a fazer a prova de 2ª fase do Vestibular Unicamp.

Questões

Questão 1

O preço a ser pago por uma corrida de táxi inclui uma parcela fixa, denominada *bandeirada*, e uma parcela que depende da distância percorrida. Se a *bandeirada* custa R\$3,44 e cada quilômetro rodado custa R\$0,86, calcule:

- a) o preço de uma corrida de 11 km;
- b) a distância percorrida por um passageiro que pagou R\$21,50 pela corrida.

Resposta Esperada

a) O preço de uma corrida de 11 km é dado por: (2 pontos)
 $3,44 + 11 \times 0,86 = 12,90$

b) Se x é o número de quilômetros percorridos pelo passageiro que pagou R\$21,50, temos:
 $3,44 + 0,86x = 21,50$
 logo
 $x = (21,50 - 3,44) : 0,86 = 21$ (3 pontos)

- Respostas: a) O preço de uma corrida de 11 km é de R\$12,90 e
 b) O passageiro que pagou R\$21,50 percorreu 21 km.

Questão 2

O *índice I de massa corporal* de uma pessoa adulta é dado pela fórmula: onde M é a massa do corpo, dada em quilogramas, e h é a altura da pessoa, em metros. O índice I permite classificar uma pessoa adulta, de acordo com a seguinte tabela:

HOMENS	MULHERES	CLASSIFICAÇÃO
$20 \leq I \leq 25$	$19 \leq I \leq 24$	Normal
$25 < I \leq 30$	$24 < I \leq 29$	Levemente Obeso
$I > 30$	$I > 29$	Obeso

- a) Calcule o índice I para uma mulher cuja massa é de 64,0 kg e cuja altura é de 1,60 m. Classifique-a segundo a tabela acima.
- b) Qual é a altura *mínima* para que um homem cuja massa é de 97,2 kg não seja considerado obeso?

Resposta Esperada

a) O índice I é dado pela fórmula

$$I = \frac{M}{h^2}$$

Para uma mulher cuja massa (M) é de 64,0 kg e cuja altura (h) é de 1,60 m, tem-se:

$$I = \frac{64}{(1,6)^2} = \frac{64}{2,56} = 25$$

Observando a tabela, na coluna referente a *mulheres*, para $I = 25$ ou seja $24 < I \leq 29$, concluímos que a referida mulher é **levemente obesa**. (2 pontos)

b) Para que um homem cuja massa é de 97,2 kg, não seja considerado **obeso**, pela tabela deve ter

$I \leq 30$ ou seja:

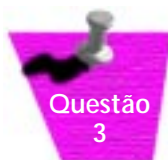
$$\frac{97,2}{h^2} \leq 30$$

ou ainda

$$h^2 \geq \frac{97,2}{30} = 3,24$$

e isto implica $h \geq \sqrt{3,24} = 1,8$. (3 pontos)

Resposta: Para não ser considerado obeso um homem de 97,2 kg deve ter altura mínima de 1,80 m.



Questão 3

“Os peixes estão morrendo porque a água do rio está sem oxigênio, mas nos trechos de maior correnteza a quantidade de oxigênio aumenta”. Ao ouvir esta informação de um técnico do meio ambiente, um estudante que passava pela margem do rio ficou confuso e fez a seguinte reflexão: “Estou vendo a água no rio e sei que a água contém, em suas moléculas, oxigênio; então como pode ter acabado o oxigênio do rio?”

- Escreva a fórmula das substâncias mencionadas pelo técnico.
- Qual é a confusão cometida pelo estudante em sua reflexão?



Resposta Esperada

- H_2O , O_2 (2 pontos)
- A confusão cometida pelo estudante é pensar que o oxigênio das moléculas de água, que se encontra combinado com o hidrogênio, pode ser utilizado pelos peixes para sua respiração. O oxigênio utilizado é o O_2 , presente no ar e que se dissolve na água. (3 pontos)



Observações

- A apresentação de substâncias não mencionadas no enunciado da questão resultava no desconto de um ponto.
- A resposta do item **b** deveria trazer bem clara a distinção entre o oxigênio dissolvido e o oxigênio combinado com o hidrogênio, formando água.
- A apresentação apenas dos nomes das substâncias, sem as fórmulas, não valia nenhum ponto no item **a**.



Desempenho dos Candidatos

- média = 2,94;
- zeros = 7,0 %.



Comentários

O item **a** desta questão era bastante fácil, pois as fórmulas pedidas estão entre as mais conhecidas, desde o 1º Grau. Entretanto 7 % dos candidatos tiveram nota zero e 11 % tiveram nota 1, o que significa que 18 % dos candidatos não conhecem estas duas fórmulas. Por outro lado 20 % dos candidatos tiveram nota 5, não apenas demonstrando conhecer as fórmulas, mas sabendo distinguir claramente as diferenças entre as espécies químicas citadas. Muitos estudantes confundiram e embaralharam certos conceitos fundamentais como molécula, elemento, substância, dissolução, ligação etc. No item **a**, muitos candidatos apresentaram os nomes das substâncias e não as fórmulas, como pedido no enunciado, errando, portanto, a resposta.



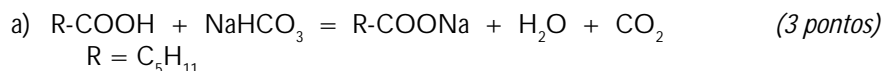
Questão 4

Uma das substâncias responsáveis pelo odor característico do suor humano é o ácido capróico ou hexanóico, $C_5H_{11}COOH$. Seu sal de sódio é praticamente inodoro por ser menos volátil. Em consequência desta propriedade, em algumas formulações de talco adiciona-se “bicarbonato de sódio” (hidrogeniocarbonato de sódio, $NaHCO_3$), para combater os odores da transpiração.

- Escreva a equação química representativa da reação do ácido capróico com o $NaHCO_3$.
- Qual é o gás que se desprende da reação?



Resposta Esperada

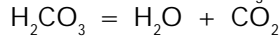
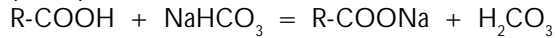


b) O gás despreendido é o CO_2 .

(2 pontos)

Observações

• A resposta para o item **a**, na forma:



foi considerada correta. A falta de indicação da segunda equação (decomposição do H_2CO_3) acarretava perda de um ponto.

Desempenho dos Candidatos

- média = 2,39;
- zeros = 33,0 %.

Comentários

Esta questão exigia um pouco mais de conhecimento do candidato, esperando-se uma média inferior à da questão anterior, como de fato aconteceu. No entanto foi uma questão mais seletiva, resultando em uma porcentagem maior de notas zero (33%). Interessante é que muitos estudantes erraram, ou nem sequer escreveram, a equação do item **a**, porém acertaram o item **b**. Isto sugere que os alunos sabem apenas que NaHCO_3 reage com ácido, produzindo CO_2 e H_2O , sem conhecimento suficiente para escrever a equação química completa.

Questão 5

O menor intervalo de tempo entre dois sons percebido pelo ouvido humano é de 0,10 s. Considere uma pessoa defronte a uma parede em um local onde a velocidade do som é de 340 m/s.



←————— x —————→

- Determine a distância x para a qual o eco é ouvido 3,0 s após a emissão da voz.
- Determine a menor distância para que a pessoa possa distinguir a sua voz e o eco.

Resposta Esperada

a) No intervalo de 3,0 s o som percorre o dobro da distância entre a pessoa e a parede:

$$2x = vt \Rightarrow x = \frac{vt}{2} = \frac{340 \text{ m/s} \cdot 3,0 \text{ s}}{2} = 510 \text{ m} . \quad (3 \text{ pontos})$$

b) A distância percorrida pelo som entre sua emissão e a recepção de seu eco é o dobro da

distância pedida: $2s = vt \Rightarrow s = \frac{vt}{2} = \frac{340 \text{ m/s} \cdot 0,10 \text{ s}}{2} = 17 \text{ m} . \quad (2 \text{ pontos})$

Questão 6

O fenômeno “El Niño”, que causa anomalias climáticas nas Américas e na Oceania, consiste no aumento da temperatura das águas superficiais do Oceano Pacífico.

a) Suponha que o aumento de temperatura associado ao “El Niño” seja de 2°C em uma camada da superfície do oceano de 1500 km de largura, 5000 km de comprimento e 10 m de profundidade. Lembre que $Q = mc\Delta T$. Considere o calor específico da água do oceano $4000 \text{ J/kg}^\circ\text{C}$ e a densidade da água do oceano 1000 kg/m^3 . Qual a energia necessária para provocar este aumento de temperatura?

b) Atualmente o Brasil é capaz de gerar energia elétrica a uma taxa aproximada de 60 GW ($6,0 \times 10^{10} \text{ W}$). Se toda essa potência fosse usada para aquecer a mesma quantidade de água, quanto tempo seria necessário para provocar o aumento de temperatura de 2°C ?

Resposta Esperada

a) $Q = mc\Delta T$

$$m = \rho V = 1000 \text{ kg/m}^3 \cdot 1500 \times 10^3 \text{ m} \cdot 5000 \times 10^3 \text{ m} \cdot 10 \text{ m} = 7,5 \times 10^{16} \text{ kg}$$

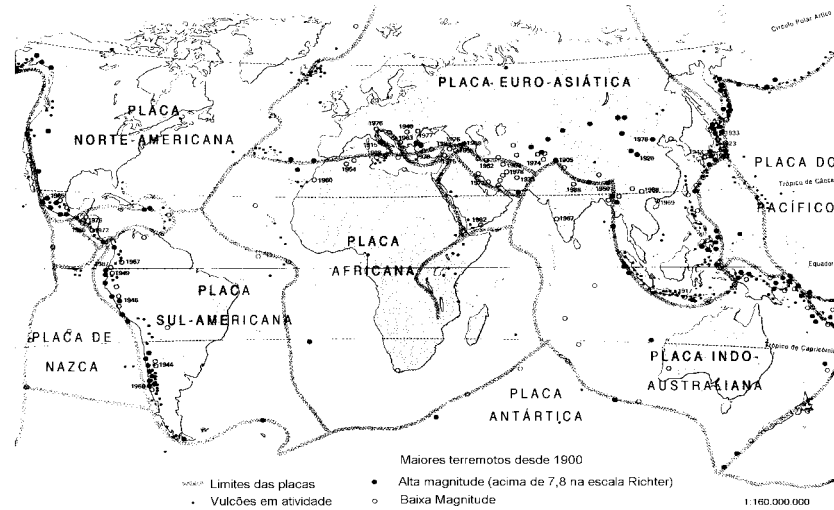
$$Q = 7,5 \times 10^{16} \text{ kg} \cdot 4000 \text{ J/kg}^\circ\text{C} \cdot 2^\circ\text{C} = 6,0 \times 10^{20} \text{ J} . \quad (3 \text{ pontos})$$

$$P = \frac{\Delta E}{\Delta t} \quad \Delta t = \frac{\Delta E}{P} = \frac{6,0 \times 10^{20} \text{ J}}{6,0 \times 10^{10} \text{ W}} = 10^{10} \text{ s} \cong 320 \text{ anos} . \quad (2 \text{ pontos})$$

Questão 7

Recentemente, o mundo foi surpreendido pelos estragos que o vulcão Soufrière provocou na pequena ilha de Montserrat, nas Antilhas. O vulcão estava inativo há 400 anos e coberto por uma floresta tropical. A partir de 1995, começou a liberar fumaça e cinza na atmosfera e, em 1997, soterrou a cidade de Plymouth.

a) Cite duas razões que justifiquem o estudo dos vulcões.



b) Com base no mapa acima, você pode perceber que a distribuição dos vulcões e dos terremotos coincide com a localização das principais cadeias montanhosas do globo. Explique por que isso ocorre.

Comentários

Esta questão resgata uma temática tradicional da geografia física: a distribuição dos vulcões e dos terremotos em relação às cadeias montanhosas. O item **a**, valendo dois pontos, prevê a apreensão do próprio texto do enunciado associando-o a algumas informações novas, como por exemplo: prevenir as populações vizinhas aos vulcões, diminuindo os riscos da destruição e aprofundar conhecimentos geológicos, geomorfológicos, pedológicos e climáticos. Resposta aparentemente óbvia, porém, no mínimo 46% dos candidatos não conseguem chegar a ela a partir da leitura do enunciado (4% dos candidatos deixam as respostas em branco, 14% obtêm nota zero e 28%, nota 1).

O item **b** desta questão pede três informações principais ao candidato, sendo que parte destas pode ser obtida com a leitura e interpretação do mapa apresentado. Estas três informações são: 1) indicar que o vulcão surge nas áreas de contato entre as placas tectônicas, 2) indicar que a movimentação destas placas favorece a ocorrência de abalos sísmicos e vulcanismo nas áreas de contato e 3) indicar a ocorrência de algum processo específico nestas áreas (dobramentos modernos, soerguimento, afloramento de magma/lava vulcânica, pressão, energia). Apenas 19% dos candidatos conseguem apontar um ou dois destes aspectos, obtendo nota 3. Na questão 7, respostas mais completas são muito raras (6% dos candidatos obtêm nota 4 e 1%, nota 5). A média da questão (1,70) reflete a alta porcentagem de notas zero e 1.

Exemplo de Resposta

Um exemplo de resposta simples, porém correta, pode ser obtido na transcrição abaixo:

*"a) O estudo dos vulcões é importante na tentativa de prevenir catástrofes, como a ocorrida na cidade de Plymouth e para que um dia possamos compreender melhor o interior do nosso planeta.
b) Isso se deve ao fato dessas áreas de maior ocorrência de vulcões, terremotos e grandes cadeias montanhosas corresponderem a regiões de "fronteira" entre placas tectônicas. Como essas placas deslocam-se e chocam-se, essas regiões caracterizam-se por abalos sísmicos, afloramentos de magma e dobramentos modernos."*

Questão 8

Em uma entrevista aos *Cadernos do Terceiro Mundo (Edição Especial, nº 200)*, Adolfo Sánchez Vásquez, professor da Universidade Autônoma do México, faz referência a duas formas de política econômica adotadas pelo Estado capitalista moderno. Segundo ele, o neoliberalismo considera que o Estado deve ser mínimo e o mercado, máximo. No entanto, para desempenhar uma adequada função social, a cultura, a arte, o meio ambiente e o bem estar social não podem estar sujeitos às leis de mercado e exigem a ação do Estado.

- a) Quais são as duas formas de política a que o entrevistado faz referência?
b) Dê as características dessas políticas a partir dos elementos contidos no texto.

Comentários

O tema desta questão, importante e bastante atual, é muito adequado para a prova de primeira fase. Não exige nenhum conhecimento mais específico, traz informações relevantes no texto apresentado no enunciado, o que pode auxiliar o candidato na elaboração da resposta. Na verdade, o vestibulando mais atento encontra no enunciado a resposta do item a: neoliberalismo e política (ou estado) do bem-estar social, ou estado intervencionista. A palavra neoliberalismo está explícita no texto. A resposta correta deste item permitia ao vestibulando obter 2 pontos. No entanto, cerca de 71% dos candidatos não sabem a resposta e não conseguem identificá-la no texto apresentado (8% deixam a resposta em branco, 27% tiram zero e 1% obtêm nota 1, pois consegue apenas extrair do enunciado o termo neoliberalismo).

Para conseguir os 3 pontos do segundo item, o candidato deveria apresentar as características do estado neoliberal e do estado do bem-estar social. Apenas 4% dos candidatos conseguem responder este item razoavelmente bem (3% deles obtendo nota 4 e apenas 1% nota 5). Este quadro faz com que a média desta questão seja a mais baixa da primeira fase: 1,01. É preocupante, pois é necessário saber entender o mundo, o país, a sociedade em que se vive. Um dos objetivos do Vestibular da Unicamp é selecionar alunos que sejam capazes de interpretar dados e fatos (vide manual do candidato), que possam intervir na realidade na qual estão inseridos. Para isso vocês têm que conhecê-la, têm que analisá-la.

Gostariamos de salientar que este tema não é específico da Geografia. Aliás a prova de Primeira Fase tem como proposta apresentar os conteúdos de forma interdisciplinar. Em História, tais conteúdos também são abordados. Além disso, por serem de extrema atualidade, estão diariamente nos noticiários da imprensa falada e escrita. A todo momento, este ou aquele chefe de governo - inclusive o brasileiro - é chamado de neoliberal, por estar realizando privatizações de empresas estatais, por estar flexibilizando as normas, as taxas, isto é, por estar desregulamentando a economia, por estar investindo menos nos setores sociais. A política do bem-estar social de alguns dos estados capitalistas modernos é o oposto disso. Caracteriza-se por um certo controle e planejamento do processo econômico, com investimento na área social. O Estado intervém na economia para viabilizar a produção e prevenir as crises, bem como assegurar investimentos na área social (educação, transportes públicos, cultura, lazer...). Com relação à questão ambiental o Estado pode intervir, restringindo, minimizando ou impedindo os impactos ambientais provocados pelas empresas que, na ânsia de aumentar a lucratividade, atuam de forma devastadora sobre o meio ambiente. Por isto consideramos grave que este tema, que afeta o seu cotidiano e o de todos a sua volta, tenha tido a média mais baixa da prova de Primeira Fase do Vestibular da Unicamp.

Exemplo de Resposta

Vamos transcrever a seguir a resposta de um candidato que sabe se situar e interpretar o mundo no qual ele está inserido. Veja:

"a) A primeira forma de política é o Estado Neoliberal (Mínimo) e a segunda forma política é o Estado do Bem Estar Social (Keynesiano ou Welfare-State)

b) O Estado Neoliberal acredita que o papel do Estado não é intervir na economia, pois esta deve se auto-regular com leis próprias e é caracterizado pelas privatizações de empresas estatais e pelo afastamento da Economia, pois esta deve ficar sob as diretrizes da iniciativa privada. O Estado Keynesiano defende a política do bem estar social, pois acredita que é função do estado fornecer aos cidadãos condições de vida satisfatórias, caracterizam-no a seguridade social, o oferecimento de saúde, educação, o cuidado com o meio ambiente também é função do Estado, não obstante há proteção aos desempregados também, com o seguro-desemprego."

Questão 9

No dia 1º de julho de 1997, a última colônia britânica na Ásia, Hong Kong, foi devolvida à China. O acordo que devolveu Hong Kong estipulou que o território se tornaria "região administrativa especial" da República Popular da China, segundo o princípio de "um país, dois sistemas".

- a) Qual o conflito, no contexto do imperialismo do século XIX, que levou Hong Kong a pertencer à Grã-Bretanha?
b) Explique dois motivos para a eclosão desse conflito.
c) Quais são os dois sistemas que atualmente coexistem na República Popular da China?

Comentários

Essa questão tratava de um tema amplamente abordado pela mídia em 1997: a devolução de Hong Kong à China. A sua elaboração observou dois critérios que norteiam a

prova de primeira fase do Vestibular da Unicamp: tratar de um tema abrangente e ser capaz de discriminar os candidatos minimamente preparados. O candidato bem informado facilmente responderia a questão.

Em **a**, valendo *1 ponto*, perguntava-se qual o conflito que levou Hong Kong a pertencer à China. Ora, uma vez que imperialismo era um dado do enunciado e que se pedia que o candidato identificasse “qual o conflito”, a única resposta correta possível era Guerra do Ópio (1840-2). Com a vitória inglesa, os chineses se viram forçados a assinar o Tratado de Nanquim, que garantiu aos ingleses o controle do porto de Hong Kong. Em **b**, valendo *2 pontos*, pedia-se dois motivos que levaram à eclosão deste conflito. O candidato respondia o item ao comentar sobre a seqüência de ações e reações das duas partes envolvidas no conflito; ou seja, ele explicava como eclodiu o conflito. Dois elementos eram essenciais para uma resposta correta: (1) o contrabando de ópio por mercadores ingleses com a conivência do governo britânico (motivo 1 = *1 ponto*); e (2) a reação das autoridades chinesas que confiscaram e mandaram destruir 20.000 caixas de ópio em público (motivo 2 = *1 ponto*). A partir daí, a situação se tornou tensa e acabou levando ao conflito direto entre a Inglaterra e a China. Informações sobre o imperialismo britânico (ou outros) no século XIX não pontuavam, uma vez que se tratava do conflito no “contexto do imperialismo”, não valendo, portanto, imperialismo, como resposta. Uma leitura atenta do enunciado evitava a confusão.

O item **c** somava *2 pontos* e testava o conhecimento do candidato sobre o sistema econômico e político chinês e sobre as condições de devolução de Hong Kong. Ao passar para o controle chinês, Hong Kong, como “região administrativa especial”, reteve uma economia capitalista em contraste com o resto da China, onde vigora o socialismo. O candidato respondia corretamente o item ao mencionar, capitalismo (em Hong Kong) (*1 ponto*) e socialismo ou comunismo (no resto da China) (*1 ponto*).



Questão 10

“A Guerra de Canudos, na qual, calcula-se, morreram 15.000 pessoas, faz 100 anos. No dia 5 de outubro de 1897, depois de quatro expedições militares, um ano de lutas intermitentes e uma resistência feroz por parte de seus defensores, o arraial erigido pelo Conselheiro nos ermos do Nordeste da Bahia foi finalmente tomado pelo Exército. Quase nada sobrava daquele santuário-cidadela (...)” (Roberto Pompeu de Toledo, “O Legado do Conselheiro”, *Veja*, 3/9/ 1997)

- a) Qual era o regime político brasileiro na época da Guerra de Canudos?
- b) Cite os principais adversários de Antônio Conselheiro.
- c) Quais eram as características político-religiosas do movimento de Canudos?




Comentários

Esta questão procurou avaliar os conhecimentos dos candidatos a respeito de um acontecimento histórico que também esteve em evidência na mídia durante o segundo semestre de 1997. Nesta questão procuramos recuperar as versões de história de um evento que até há alguns anos atrás esteve marcado por uma interpretação baseada na ótica daqueles que venceram a guerra de Canudos. Hoje, a pesquisa histórica oferece versões menos oficiais deste acontecimento e elas já se encontram em alguns livros didáticos. Nosso objetivo foi o de observar como as várias versões deste acontecimento decisivo da história da república no Brasil tem sido apreendidas pelos candidatos e em que medida os candidatos têm a tendência de associar este movimento social do século passado com movimentos sociais contemporâneos.

Em se tratando de uma questão de primeira fase do vestibular não foi exigido do candidato um grau muito grande de elaboração de resposta. A questão dividida em três itens não exigia a apresentação de um texto argumentativo sobre a guerra de Canudos. Pedia-se primeiramente a apresentação de conhecimentos a respeito do regime político vigente no Brasil na época do movimento de Canudos. Evidentemente, este item tinha um grau de objetividade muito grande, porque qualquer resposta que fugisse da caracterização do regime republicano era considerada fora de contexto. No item **b** da questão a variação de resposta dependeu das versões do acontecimento mais conhecidas pelos candidatos. Aqui o leque de possibilidades de resposta foi maior, mas notou-se que boa parte das respostas veio influenciada pela versão veiculada pelo filme *Guerra de Canudos*, bastante comentada durante o ano 1997. Nesse sentido, o exército nacional apareceu como o principal adversário de movimento de Antônio Conselheiro, o que, na verdade, é um exagero histórico. Respostas mais concisas que definiam os maiores adversários do movimento

como sendo o governo republicano, os fazendeiros e a Igreja não apareceram com frequência, o que não quer dizer que não tenha havido respostas deste teor. Por último, no item **c** desta questão, foi possível avaliar melhor de que maneira as interpretações mais antigas e as mais atuais sobre o movimento de Canudos têm sido apresentadas aos candidatos ao vestibular. Aqui, o próprio enunciado da questão assumia a versão político-religiosa do movimento. Entretanto, não foram poucas as respostas que contestaram a versão do milenarismo sebastianista e messiânico do movimento de Canudos, procurando aproximá-lo a uma visão de mundo secular e não religiosa, o que indica que algumas das interpretações históricas mais atuais de Canudos já estão sendo absorvidas pelas escolas de primeiro e segundo graus.



Questão 11

No início deste ano, pesquisadores anunciaram o nascimento da ovelha Dolly, considerada o primeiro clone de mamífero gerado artificialmente. Um dos objetivos dessa pesquisa é a melhoria da pecuária, através da formação de rebanhos homogêneos. Clones, no entanto, ocorrem naturalmente no cotidiano, lembra o geneticista Ademar Freire Maia em um artigo do Boletim *Germinis* do Conselho Federal de Biologia, de maio/junho de 1997.

- Qual seria a desvantagem biológica de um rebanho de clones?
- Dê um exemplo de clone que ocorre naturalmente. Justifique.



Resposta Esperada

a) Maior susceptibilidade do rebanho a doenças por causa da ausência de variabilidade genética. (2 pontos)

b) Exemplo:

Gêmeos idênticos ou univitelinos; tatus (poliembrião); plantas obtidas por mudas e brotos (reprodução vegetativa); organismos que se reproduzem por apomixia (um tipo de partenogênese); bactérias ou amebas (reprodução assexuada). (2 pontos)


Justificativa: porque têm DNA idêntico; ou: são geneticamente iguais; têm o mesmo material genético; têm os mesmos alelos. (1 ponto)



Comentários

Essa questão foi elaborada a partir de um fato amplamente discutido na imprensa ao longo do ano; talvez por isso, apenas 3% dos candidatos deixaram de respondê-la. Seu objetivo foi avaliar a compreensão dos candidatos quanto à importância da variabilidade genética e o conceito genético de clone. Embora tratando de assuntos básicos de genética, 25% dos candidatos receberam nota zero nesta questão.

Ficou claro que alguns conceitos não são bem estabelecidos, especialmente o de gene e código genético, pois uma justificativa errônea muito freqüente para o item **b** foi “porque possuem o mesmo código genético”. Outra expressão mal empregada é “a mesma carga genética” como sinônimo de “geneticamente iguais”; este fato, sobre o qual já foi chamada a atenção no último caderno de questões, continuou a acontecer nas provas deste ano. A sua utilização, no entanto, não foi penalizada pois além de não ser um conceito normalmente discutido no segundo grau, foi uma expressão intensivamente utilizada na imprensa, nas discussões a respeito de clonagem.



Questão 12

Notícias recentes veiculadas pela imprensa informam que o surto de sarampo no Estado de São Paulo foi devido à diminuição do número de pessoas vacinadas nos últimos anos. As autoridades sanitárias também atribuíram o alto número de casos em crianças abaixo de um ano ao fato de muitas mães nunca terem recebido a vacina contra o sarampo.

- Se a mãe já foi vacinada ou já teve sarampo, o bebê fica temporariamente protegido contra essa doença. Por quê?
- Por que uma pessoa que teve sarampo ou foi vacinada fica permanentemente imune à doença? De que forma a vacina atua no organismo?



Resposta Esperada

a) Os anticorpos maternos contra o sarampo passam pela placenta e vão para a circulação do feto, onde permanecem por algum tempo após o nascimento, protegendo o recém-nascido. Passam também através do colostro ou do leite materno. (2 pontos)

b) Através da memória imunológica: alguns linfócitos que tiveram contato com o antígeno (ou vírus) do sarampo retêm a informação da produção de anticorpos. Ao entrarem em contato novamente com o vírus produzem rapidamente os anticorpos, neutralizando os invasores e

impedindo a manifestação da doença.

(2 pontos)

A vacina possui antígenos (ou vírus atenuados) que estimulam os linfócitos (ou certos glóbulos brancos) a produzirem anticorpos contra os vírus do sarampo.

(1 ponto)



Comentários

Procurou-se medir o grau de conhecimento do aluno sobre a diferença fundamental entre imunidade ativa, resultado da introdução de antígenos no organismo, e imunidade passiva, que é a simples transferência de anticorpos de um organismo para outro. A questão procurou também verificar o conhecimento do aluno sobre os mecanismos básicos relacionados à manutenção da imunidade e de como a imunidade passiva pode ser transmitida verticalmente (mãe-feto). Apesar da importância e da atualidade do tema, muitos candidatos mostraram um conhecimento incompleto ou superficial do assunto, embora apenas 2% tenham deixado a questão em branco.